

FACULDADES EST
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO PROFISSIONAL EM TEOLOGIA

ROLANDO ANTONIO ORTEZ MARTÍNEZ

**ECOTRINDADE: METÁFORA PARA AJUDAR A ALCANÇAR A JUSTIÇA
AMBIENTAL E DE GÊNERO**

São Leopoldo

2022

ROLANDO ANTONIO ORTEZ MARTÍNEZ

**ECOTRINDADE: METÁFORA PARA AJUDAR A ALCANÇAR A JUSTIÇA
AMBIENTAL E DE GÊNERO**

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para a obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação
Mestrado Profissional em Teologia
Área de Concentração: Teologia Prática
Linha de Pesquisa: Ética e Gestão

Orientadora: Dra. Carolina Bezerra de Souza

São Leopoldo

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

O77e Ortez Martínez, Rolando Antonio
EcoTrindade: metáfora para ajudar a alcançar a justiça ambiental e de gênero / Rolando Antonio Ortez Martínez; orientadora Carolina Bezerra de Souza. – São Leopoldo: EST/PPG, 2022.
83 p.; 31 cm

Dissertação (Mestrado) – Faculdades EST. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2022.

1. Ecofeminismo. 2. Violência contra as mulheres. 3. Justiça ambiental. 4. Trindade. I. Souza, Carolina Bezerra de, orientadora. II. Título.

ROLANDO ANTONIO ORTEZ MARTINEZ

**ECOTRINDADE: METÁFORA PARA AJUDAR A ALCANÇAR A JUSTIÇA
AMBIENTAL E DE GÊNERO**

Dissertação de Mestrado
para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em
Teologia
Área de concentração:
Religião e Educação
Linha de atuação:
Ética e Gestão

Data de Aprovação: 12 de dezembro de 2022

Prof.^a. Dr.^a. Carolina Bezerra de Souza

Presidente da banca

Prof.^a. Dr.^a. Marcia Blasi

Faculdades EST

Prof. Dr. Rudolf Eduard von Sinner

PUC PR - Participação por videoconferência

Dedico este trabalho a todas as mulheres que têm lutado e continuam lutando e dando grandes aportes a filosofia, a teologia, a ciência e que tem inestimável aportes ao conhecimento universal, que por diversas razões não são reconhecidas, mas que com amor e humildade reconhecemos seu imenso aporte a humanidade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela vida e a força que Deus dá para continuar.

Agradeço à Mission EineWelt, pelo aporte incondicional, para realizar o Mestrado.

Agradeço à Igreja Cristã Luterana de Honduras, pela oportunidade de realizar esta caminhada.

Agradeço a minha avó, María Cordelia López e a minha mãe Emelina Martínez.

Agradeço a minha amada esposa Bianca Eliana Kanitz, pela compreensão e pela força de seu amor para manter-nos firmes nele apesar da distância.

Agradeço à Faculdades EST, por abrir as portas do conhecimento e colocar ao meu alcance.

Agradeço a minha orientadora, Dra. Carolina Bezerra de Sousa, pela orientação na construção de novos passos para deixar marcas positivas, para defender a igualdade, equidade, diversidade, justiça de gênero e a Terra.

Agradeço à Dra. Marcia Blasi e ao Dr. Rudolf von Sinner, pelos grandes aportes realizados para melhorar o trabalho apresentado, e por fazerem parte da avaliação do mesmo.

Meu muito obrigado!

Estamos na luta sem saber de antemão os resultados. Estamos nela porque sentimos que ela faz vibrar nossas entranhas e alimenta nossa esperança. Acreditamos que essa luta pode ser um caminho de solidariedade, misericórdia e reconciliação de todas as forças vitais. Amamos a vida e não queremos vê-la perecer por causa de nossos caprichos e de nossa capacidade destruidora. Estamos nesta luta porque não aguentamos mais o sistema de discriminações e exclusões e porque esta luta por dignidade e beleza é o sentido de nossa existência.

Ivone Gebara

RESUMO

A violência contra as mulheres e contra a Terra tem aumentado com o passar do tempo. Na pandemia a violência contra as mulheres aumentou ou a situação trouxe a luz o que sempre acontecia na vida delas, mas que conservava em silêncio. Este trabalho se constitui em uma pesquisa bibliográfica e quer buscar respostas para as dificuldades que enfrentamos como humanidade por meio da seguinte pergunta problema: como superar as injustiças ambientais e de gênero mediante uma releitura inspirada na relação que compõe a Trindade? Para poder responder a esta pergunta é necessário desenvolver três partes: Apresenta-se os conceitos de justiça, justiça de gênero e ecofeminismo, que formam a base desta reflexão. Depois trabalha-se a concepção da Terra como um ser vivo que sustenta a vida e está em perigo e propõem-se uma nova história de cuidado e amor com a Terra viva a partir da ideia de que destruição é evitável. Em seguida, adentramos em uma reflexão sobre a Trindade, passando por Trindades Arquitetadas até chegar a EcoTrindade como reflexão fundamental para dar repostas a essas dificuldades de nossa sociedade. Por meio dela, evoca-se a ternura, o amor, o perdão, a reconciliação e o cuidado de nós mesmos e nós mesmas e da Terra.

Palavras-chave: Justiça de gênero. Ecofeminismo. Terra. EcoTrindade.

ABSTRACT

Violence against women and against the Earth has increased over time. In the pandemic, violence against women increased or the situation brought to light what always happened in their lives, but which they kept silent. This work constitutes bibliographical research and aims to seek answers to the difficulties we face as humanity through the following problem question: how to overcome environmental and gender injustices through an inspired re-reading of the relationship that makes up the Trinity? In order to answer this question, it is necessary to develop three parts: It presents the concepts of justice, gender justice and ecofeminism, which form the basis of this reflection. Afterwards, the conception of the Earth as a living being that sustains life and is in danger and proposes a new story of care and love for the living Earth, based on the idea that destruction is avoidable. Then, we enter into a reflection on the Trinity, passing through Architectures Trinities until arriving at the EcoTrinity as a fundamental reflection to give answers to these difficulties of our society. Through it, tenderness, love, forgiveness, reconciliation and care for ourselves and the Earth are evoked.

Keywords: Gender justice. Ecofeminism. Earth. EcoTrinity.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	17
2 OS CONCEITOS DE JUSTIÇA, JUSTIÇA DE GÊNERO E ECOFEMINISMO	23
2.1 JUSTIÇA	23
2.2 JUSTIÇA DE GÊNERO	28
2.3 ECOFEMINISMO.....	35
3 A TERRA É UM SER VIVO, QUE SUSTENTA A VIDA E ESTÁ EM PERIGO.....	41
3.1 A TERRA EM PERIGO	41
3.2 CONSTRUINDO UMA NOVA HISTÓRIA DE CUIDADO E AMOR COM A TERRA VIVA	46
3.3 A DESTRUIÇÃO É EVITÁVEL	52
4 DOCTRINA DA TRINDADE E A ECOTRINDADE	57
4.1 A DOCTRINA DA TRINDADE	57
4.2 AS TRINDADES ARQUITETADAS	61
4.3 ECOTRINDADE	65
5 CONCLUSÃO	77
REFERÊNCIAS	79

1 INTRODUÇÃO

A minha vida foi marcada por situações de muitas mulheres que sofriam violência e isso me deixava triste e revoltado. Cresci debaixo do cuidado da minha avó e sempre a olhei como a minha referência. Ela sempre me aconselhava: “filho, nunca deve golpear uma mulher”. Essas palavras estão na minha mente e fazem parte da minha vida. Sempre tive a intenção de perguntar pra ela se tinha sofrido algum mau trato, suspeitava que sim, com o transcorrer do tempo, dei-me conta que ela falava isso porque a minha tia sofria violência da parte de seu esposo. Na realidade, ela queria romper o ciclo da violência na nossa família, para haver harmonia e paz por meio do amor, sem deixar de aplicar a justiça ao transgressor.

Essa experiência me levou a defender os direitos das mulheres, crianças e pessoas marginalizadas e estigmatizadas de nossa sociedade. Já que os maus-tratos às mulheres são constantes e têm aumentado de uma forma assustadora. A Organização das Nações Unidas-Mulheres na sua página, nos apresenta as cifras da violência contra as mulheres antes da pandemia e que, segundo eles, era de “243 milhões, nas idades de 15 a 49 anos, mas que desde o começo da pandemia a aumentado a violência contra as mulheres”.¹

Especificamente em Honduras “a violência doméstica e intrafamiliar acumula o maior número de denúncias, 86 em cada 100 vítimas de crimes sexuais são mulheres. Aliás em 2021, o sistema de chamadas de emergência 911 ultrapassou 100.000 chamadas por violência doméstica e abuso familiar.”² Esta é uma das preocupações, mas também, como se pode evitar esses maus-tratos. A noção de justiça de gênero dá ferramentas para evitar e combater as violências de gênero.

Outras das preocupações é a exploração da Terra e o câmbio climático. No relatório climático da Organização das Nações Unidas, António Guterres diz: “Estamos a caminho do desastre”³. Isso gera uma imensa preocupação. À medida que passa o tempo, o problema da injustiça, a estigmatização, a invisibilização, a marginalização, os extremismos, o racismo, as

¹ INFORME DA ONU-Mulheres. Disponível em: https://interactive.unwomen.org/multimedia/explainer/covid19/es/index.html?gclid=CjwKCAjw8JKbBhBYEiwAs3sxN87cT88J3QgMPCHnO9GMB50G_VIY9i8-rtJVIIicQnDpIoNY2bc9bBoCQnoQAvD_BwE. Acesso em: 04 nov. 2022.

² INFORME Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. Disponível em: <https://www.undp.org/es/honduras/noticias/analisis-de-violencia-contra-las-mujeres-lo-largo-del-ciclo-de-vida-en-honduras-2021#:~:text=A%20medida%20la%20edad%20incrementa,violencia%20dom%C3%A9stica%20y%20maltrato%20familiar>. Acesso em: 06 nov. 2022.

³ INFORME DA ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/176755-relatorio-climatico-da-onu-estamos-caminho-do-desastre-alerta-guterres>. Acesso em: 11 ago. 2022.

violências de gênero e a descontrolada exploração do meio ambiente estão deixando a humanidade perto do colapso total. Honduras está perto do colapso já que “um total de 98.516 hectares de florestas e vegetação foram afetados pelos incêndios florestais que atingiram o território nacional até agora em 2022, informou o Instituto de Conservação Florestal (ICF).”⁴

À esta situação, somam-se mártires por sua constante luta contra a injustiça de gênero e injustiça socioambiental. Em Honduras, quem luta pela justiça climática e proteção do meio ambiente se sentencia à morte. Como exemplo disso, temos o assassinato da ambientalista Berta Isabel Cáceres Flores.⁵ Um total de 90 ambientalistas estão ameaçados a morte e Global Witness contabiliza ao menos 120 mortes de ambientalistas hondurenhos desde o 2010.⁶ A frase de Ivone Gebara na epígrafe, reanima forças pra continuar na luta, “porque sentimos que ela faz vibrar nossas entranhas e alimenta nossa esperança.”⁷

Isso nos obriga a compreender o problema desde as suas raízes, que podem ser a estrutura do patriarcado, do quiariarcado,⁸ do androcentrismo. É possível que as estruturas desses sistemas mantenham vivos paradigmas que não têm mais lugar neste tempo. A pesquisa visa ressaltar a importância de que homens e mulheres sejam reconhecidos como protagonistas da construção da história, ao deixar de lado o androcentrismo, o quiariarcado, a violência e construir conjuntamente novos paradigmas para uma nova sociedade. Esta nova sociedade se comprometeria com a justiça, equidade, igualdade, diversidade, solidariedade, amor, cuidado, reconciliação, respeito, mas, também, com a eliminação do racismo, da intolerância e de todo tipo de discriminação, dominação e exploração.

⁴ Portal EFE:Verde. Disponível em: [https://efeverde.com/honduras/#:~:text=M%C3%A1s%20de%2098.000%20hect%C3%A1reas%20afectadas,de%20Conservaci%C3%B3n%20Forestal%20\(ICF\)](https://efeverde.com/honduras/#:~:text=M%C3%A1s%20de%2098.000%20hect%C3%A1reas%20afectadas,de%20Conservaci%C3%B3n%20Forestal%20(ICF).). Acesso em 06 nov. 2022.

⁵ UN INFORME REVELA que el asesinato de Berta Cáceres no fue un hecho aislado ¡Súmate a la petición de justicia! **Movimiento Mundial por los Bosques Tropicales**, Honduras, 8 nov. 2017. Disponível em: <https://www.wrm.org.uy/es/alertas-de-accion/un-informe-revela-que-el-asesinato-de-bertha-caceres-no-fue-un-hecho-aislado-sumate-a-la-peticion-de>. Acesso em: 11 ago. 2022.; BERTA CÁCERES LÍDER indígena hondureña, feminista y activista defensora del medio ambiente. Comisión Nacional de los Derechos Humanos, México, ©2018-2022. Disponível em: <https://www.cndh.org.mx/noticia/bertha-caceres-lider-indigena-hondurena-feminista-y-activista-defensora-del-medio-ambiente>. Acesso em: 11 ago. 2022.

⁶ ORTIZ, Oscar. *Vozdaamerica.com*. Disponível em: <https://www.vozdaamerica.com/a/ambientalistas-honduras-sienten-amenazados/6767706.html> Acesso em: 5 nov. 2022.

⁷ GEBARA, Ivone. **Teologia ecofeminista**: ensaio para repensar o conhecimento e a religião. São Paulo: Olho d'Água, 1997, p. 24.

⁸ SCHÜSSLER FIORENZA, Elisabeth. **Caminhos da sabedoria**: uma introdução à interpretação bíblica feminista. São Bernardo do Campo, SP: Nhanduti Editora, 2009. Na página 136-137 está a definição de quiariarcado e inicia: “Na Antiguidade clássica, o kyriarcado era o governo do senhor, amo de escravos, marido, cavaleiro nascido livre, culto, dono de propriedades e pertence à elite, a quem estavam subordinados os homens sem voz e vez e todas as mulheres. Na Antiguidade, o kyriarcado estava institucionalizado como uma forma monárquica ou democrática de governo político. [...] Como sistema sociocultural e religioso de dominação, o kyriarcado é constituído por estruturas interseccionais e multiplicativas de opressão.”

Para alcançar essa condição, busca-se responder à seguinte questão: Como superar as injustiças ambientais e de gênero mediante uma releitura inspirada na relação que compõe a Trindade? O objetivo geral é investigar questões que impedem a justiça de gênero e o cuidado da Terra, para arquitetar, a partir de uma releitura da Trindade, uma metáfora da Ecotrindade. Além disso, temos objetivos específicos: pesquisar o que é justiça, justiça de gênero e ecofeminismo; investigar quais são as causas da dominação e exploração dos seres humanos, em particular das mulheres e da Terra; examinar qual é o paradigma que está estabelecido na nossa sociedade; compreender de que forma se constrói o conhecimento; verificar se a Terra é um ser vivo e sustenta a vida; investigar se o ser humano é responsável da destruição da Terra e pesquisar que possibilidades existem para regredir o dano realizado a Terra.

Não deveríamos “contar a história de quem domina, já que o perigo de impor uma única história, um único padrão, uma única possibilidade, como sentido e significado”⁹ de vida, nos leva a crer que não existem outras possibilidades de viver e fazer história integralmente. Acreditamos ser necessário contar a história a partir de formas mais justas de ser homem e mulher em meio a diversidade que nos rodeia.

Isto os levaria a “passar da ausência a presença de mulheres no púlpito”¹⁰ e em todos os espaços da sociedade. Como Igreja institucional (os que dirigem a Igreja) e como a Igreja que se constitui como o corpo de Cristo (os e as membros da Igreja), precisamos levantar nossas vozes no que se refere aos temas em pauta na sociedade. Isso é possível por meio da pregação e da voz profética, a qual deve estar nessa constante reforma para não ficar atrás, já que a “pregação é o discurso da Igreja: tudo aquilo que a Igreja ou as pessoas de fé dizem ou silenciam”¹¹.

Há um dito popular que afirma que as palavras têm poder, para Mauro de Sousa: “Assim como as palavras podem matar, palavras ditas e ouvidas na hora certa também podem mudar rumos, transformar vidas, trazer esperança, desintegrar depressão”¹². Acrescentamos, ainda: salvar vidas e resgatar a Terra. Nesse sentido, a pesquisa procura deixar palavras a fim de que se tornem realidade no dia a dia.

⁹ CORDEIRO, Alves Ana Luisa. Leitura Popular Da Bíblia Na Perspectiva Da Diversidade. In: MUSSKOPF, André S.; BLASI, Marcia (org.). **História, Saúde e Direitos: sabores e saberes do IV Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião**. São Leopoldo: CEBI, 2016. p. 85.

¹⁰ HANNAN, Shuana K. Justiça De Gênero e a pregação da Igreja. In: MUSSKOPF, André S.; BLASI, Marcia (org.). **História, Saúde e Direitos: sabores e saberes do IV Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião**. São Leopoldo: CEBI, 2016. p. 141.

¹¹ SOUZA, Mauro Batista de. Prédica e justiça de gênero: Possibilidades. In: MUSSKOPF, André S.; BLASI, Marcia (org.). **História, Saúde e Direitos: sabores e saberes do IV Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião**. São Leopoldo: CEBI, 2016. p. 145.

¹² SOUZA, 2016, p. 147.

Para realizar este trabalho utilizamos uma pesquisa bibliográfica em busca de repostas aos problemas da injustiça de gênero, bem como para alertar para o cuidado integral da humanidade e da Terra. Ambas as questões passam pelo amor e reconciliação. Construímos um referencial teórico que incentiva, nas nossas vidas, a busca por superar as injustiças ambientais e de gênero mediante a metáfora da EcoTrindade, nosso tema.

O desenvolvimento desta pesquisa se apresenta em três partes. A primeira parte aborda o conceito de justiça e conduz ao conceito de justiça de gênero. Este é de suma importância na nossa sociedade padronizada segundo paradigmas de gênero que legitimam a estigmatização, a marginalização, as violências, a exploração e a dominação das mulheres e da Terra. Também será trabalhado o conceito de ecofeminismo. Consideramos este conceito fundamental para conscientizar as pessoas que, a partir dessa perspectiva, podem alcançar uma desconfiguração do quiriarcado e mudar ao ecofeminismo por sua perspectiva do autocuidado, cuidado, autoamor e amor pela humanidade e pela Terra. Dessa forma, é possível uma vida sustentável e renovável, com menos uso de materiais nocivos à Terra.

Propomos abandonar o pensamento de exploração do ser humano e seu entorno que sustenta a vida. Nesse sentido, visualizam-se conceitos com os quais os seres humanos devem viver e conviver, mas também notar as coisas que se podem fazer diferentes, ressignificar, criar novos conceitos ou eliminar antigos para que tenham sentido em nossas vidas e no contexto em que vivemos e no qual viverão as seguintes gerações.

Na segunda parte, trabalha-se o planeta Terra como um ser vivo que sustenta a vida e está em perigo. Queremos chamar a atenção para o fato de que a nossa Terra está ameaçada de destruição e que seus recursos são finitos. Também apresentaremos a possibilidade de construir uma nova história de amor e cuidado com a Terra viva. Busca-se despertar o cuidado, o amor consigo mesmo e com a Terra e, com isso, dar possibilidade a um bom futuro para as novas gerações. Aspira-se mostrar que a destruição é evitável e pensar algumas alternativas com as quais podemos melhorar a nossa vida e a vida da Terra.

Na última parte, desenvolve-se uma caminhada desde a doutrina Trindade até chegar à metáfora da EcoTrindade. Aborda-se brevemente a constituição dessa doutrina da Trindade, direcionando o olhar para como o masculino foi tomado mais em conta para a elaboração da Trindade. Também mostraremos trindades arquitetadas, que, inspiradas na doutrina da Trindade, mostram novos sentidos para dar resposta a alguma problemática em particular. No final, apresentamos uma metáfora da EcoTrindade como uma resposta às crises que enfrentam a humanidade e a Terra. A abordagem será a partir da perspectiva do ecofeminismo, busca-se

pensar a Trindade como uma concepção que inclui o feminino e os três elementos fundamentais, que são o amor, a reconciliação e o cuidado.

2 OS CONCEITOS DE JUSTIÇA, JUSTIÇA DE GÊNERO E ECOFEMINISMO

Queremos iniciar esta caminhada apresentando os conceitos de justiça, justiça de gênero e ecofeminismo. Cada conceito dará um aporte para fortalecer a humanidade que dia a dia procura aceitação na convivência humana. Na apresentação dos três conceitos, seguimos a inspiração de Ivone Gebara: “fujo dos conceitos pré-fabricados no dicionário presos de diversas teorias e das ideias claras.”¹³

Busca-se também provocar a unidade fundamentada na justiça, equidade, integralidade, ecofeminismo, para o resgate da Terra que cada vez é mais agredida pela exploração extrativista sem renovação. Busca-se uma postura autocrítica, na qual devemos considerar nossa responsabilidade na agressão constante realizada à Terra e assumir comportamentos que modifiquem essa atitude destrutiva. Além disso, temos que “mudar as relações entre homens e mulheres, entre grupos, povos e com a Terra”¹⁴, disso depende a nossa existência e a existência das futuras gerações.

2.1 JUSTIÇA

Vivemos num mundo onde o individualismo é o lema constante, a autossuficiência está na moda e as conexões não são mais pessoais, mas, sim, virtuais. Por isso, faz-se as seguintes perguntas: O que se configura na mente, quando lemos ou escutamos a palavra justiça? Que sentido tem a justiça para nossa vida em sociedade? Mas, afinal, o que é justiça?

Uma palavra, por si só, pode dar sentido e orientação à vida, mas quando ela está unida a outras, amplia o sentido de nossa existência e nos leva a agir pela existência da humanidade, em harmonia e em sociedade. “Reconhecemos que o destino de oprimidos(as) está intimamente ligado ao destino deste planeta vivo, vulnerável aos comportamentos destrutivos da humanidade”¹⁵. Ivone Gebara nos mostra a urgência de falar de justiça, de justiça social, justiça alimentar, justiça de gênero e de ecojustiça. A autora nos motiva a uma mudança nos discursos, nas pregações e nas práticas oficiais da sociedade, do governo e da

¹³ GEBARA, Ivone. **Conhece-te a ti mesma:** uma leitura feminista do humano. São Paulo: Paulinas, 1991. p. 6.

¹⁴ GEBARA, 1997. p. 13.

¹⁵ GEBARA, 1997, p. 19.

Igreja, a qual é responsável por levar adiante o legado de cuidar da criação de Deus e ter o bom senso de praticar e coibir as injustiças¹⁶.

Ficamos vulneráveis diante das injustiças e violências e isso nos leva a ficar doentes, ansiosos, com raiva, impotentes e com uma profunda decepção¹⁷. A injustiça vai das relações pessoais e com o meio ambiente, chega até as instituições em todos os âmbitos. Para superar as injustiças, apelamos à criatividade e procuramos a solidariedade com aqueles e aquelas que têm sofrido injustiças.

Aristóteles nos fala acerca da justiça e da injustiça no livro *Ética a Nicômaco*, especificamente no livro V: “Vejam, então, que o que todos visam como justiça é aquela disposição do caráter a partir da qual os homens agem justamente, ou seja, é o fundamento das ações justas e o que o faz ansiar pelo que é justo.”¹⁸ O adverso a isto é a injustiça, que “é a disposição do caráter a partir da qual os homens agem injustamente, ou seja, é o fundamento das ações injustas e o que os faz ansiar pelo injusto.”¹⁹

Mas o ponto principal de Aristóteles referente ao que é injusto e justo diz “[...] parece ser injusto que transgrede a lei, que quer ter mais do que é devido e que é iníquo. Parece também evidente, por outro lado, que justo será quem observa a lei e respeita a igualdade.”²⁰ Neste sentido a “disposição justa é, então, por um lado, a observância da lei e o respeito pela igualdade; disposição injusta, por outro lado, é a transgressão da lei e o desrespeito pela igualdade.”²¹ Um aspecto importante da reflexão de Aristóteles que contribui para a nossa reflexão é que a justiça depende da igualdade.

Mulheres e homens agem com respeito, ódio, justiça ou injustiça pelo fato que suas ações podem ser carregadas de amor, compaixão, cuidado, respeito, de ódio, de vingança. Cada ação deve ser orientada pelas leis, normas e códigos, os quais podem sofrer alterações quando colocam em risco a vida, a paz, a liberdade, a justiça, a igualdade, a equidade, a diversidade, a integralidade e a identidade. A justiça é uma excelência completa quando nossa atuação atende a essas questões e está em relação com o outro e a outra. Neste caso, “nem a estrela da tarde nem a estrela da manhã são tão maravilhosas.”²²

¹⁶ GEBARA, 1997, p. 19.

¹⁷ BLASI, Marcia. Vulnerabilidade. In: BLASI, Marcia *et al* (org.). **Vulnerabilidade, Resistência, Justiça**: VI Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião. São Leopoldo: CEBI, 2020. p. 19-23. p. 23.

¹⁸ ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. São Paulo: Atlas, 2009. Livro V. p. 103.

¹⁹ ARISTÓTELES, 2009, p. 103.

²⁰ ARISTÓTELES, 2009, p. 104.

²¹ ARISTÓTELES, 2009, p. 104.

²² ARISTÓTELES, 2009, p. 105. Também Aristóteles fala da justiça distributiva, justiça corretiva, justiça política, justiça natural e justiça convencional, mas não aprofundaremos nelas e se quer conhecer delas veja as p.103-127.

Somos injustos, então, pelo fato de que atuamos de forma deliberada, já que temos conhecimento que estamos agindo contra a humanidade e contra a Terra – o que nos leva a ser perversos. Desta forma, estamos atuando “contra o sentido orientador”²³ da justiça e equidade, que é fazer ações justas como cuidar da Terra e cuidar da humanidade.

John Rawls nos apresenta dois princípios da justiça. No primeiro, ele explica o seguinte “cada pessoa deve ter um direito igual ao mais abrangente sistema de liberdades básicas iguais que seja compatível com um sistema semelhante de liberdades para as outras.”²⁴ O segundo tem a ver com “as desigualdades sociais e econômicas devem ser ordenadas de tal modo que sejam ao mesmo tempo (a) consideradas como vantajosas para todos dentro dos limites do razoável, e (b) vinculadas a posições e cargo acessíveis a todos.”²⁵

No primeiro capítulo do livro *Uma Teoria da Justiça*, John Rawls desenvolve a justiça com equidade. Para Rawls, a “justiça com equidade, eleva o conceito tradicional do contrato social.”²⁶ Mas também a “justiça é a primeira virtude das instituições sociais, como a verdade o é dos sistemas de pensamento.”²⁷

Chama à atenção a afirmação de Rawls de que:

Cada pessoa possui uma inviolabilidade fundada na justiça que nem mesmo o bem-estar da sociedade como um todo pode ignorar. Por essa razão, a justiça nega que a perda da liberdade de alguns se justifique por um bem maior partilhado por outros. Não permite que os sacrifícios impostos a uns poucos tenham menos valor que o total maior das vantagens desfrutadas por muitos. Portanto, numa sociedade justa, as liberdades da cidadania igual são consideradas invioláveis; os direitos assegurados pela justiça não estão sujeitos à negociação política ou ao cálculo de interesses sociais.²⁸

Não se pode negar que as instituições, os sistemas sociais, as leis, os julgamentos, as apelações, os inquéritos, decisões e as pessoas atuem justamente e injustamente²⁹, mas, para Rawls, o fundamental “[...] da justiça é a estrutura básica da sociedade, ou mais exatamente, a maneira pela qual as instituições sociais mais importantes distribuem direitos e deveres fundamentais e determinam a divisão de vantagens provenientes da cooperação social.”³⁰

Destaca-se desta visão a justiça com equidade e que, por meio dela, o contrato social é fortalecido e assegura-se a cada ser humano a inviolabilidade de seus direitos e a sua

²³ ARISTÓTELES, 2009, p. 126. Ir contra o sentido orientador é ir contra o que a lei prescreve e Aristóteles na página 126 coloca um exemplo “a lei no ordena uma pessoa a matar-se a si própria; e aquilo que a lei não ordena, proíbe-o.”

²⁴ RAWLS, John. **Uma teoria da justiça**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002. p. 64.

²⁵ RAWLS, 2002, p. 64.

²⁶ RAWLS, 2002, p. 3.

²⁷ RAWLS, 2002, p. 3.

²⁸ RAWLS, 2002, p. 4.

²⁹ RAWLS, 2002, p. 7.

³⁰ RAWLS, 2002, p. 7-8.

liberdade. Isso não está sujeito a negociações e as instituições encarregadas da proteção dos direitos devem de garanti-los.

Além de passar por esses dois pensadores importantes do tema, queremos olhar o tema da justiça também a partir da Teologia. Martim Lutero tratou de duas espécies da justiça. A “primeira espécie é uma justiça alheia e infundida de fora”³¹ e nos amplia e nos aclara que é a justiça mediante a qual Cristo é justo e justifica pela fé. Essa justiça é concedida no momento do “Batismo e em toda época de verdadeira penitência, de modo que o ser humano possa, com confiança, gloriar-se em Cristo.”³²

Tal justiça é a “‘justiça de Deus’ segundo o Apóstolo Paulo Rm. 1.17(...) e Rm. 3.28.”³³ É uma justiça infinita que absorve todos os nossos pecados num momento, pelo fato de que Cristo não tem pecado, mas também esta é a primeira justiça e é fundamental para a origem de toda a justiça atual³⁴. Esta justiça é dada a todos e todas sem necessidade de ação, é dada exclusivamente pela graça de Deus quando nos leva a formar parte do mesmo corpo de Cristo. Desta forma, o pecado é jogado fora no dia a dia, mas não recebemos essa graça de uma só vez, pois ela é perfeita e completa no momento de nossa morte.³⁵

Na primeira espécie da justiça, Lutero coloca a analogia do casal “o noivo possui tudo o que pertence à noiva e a noiva possui tudo o que pertence ao noivo (pois tudo é comum a ambos, visto serem uma só carne).”³⁶ Isto se refere aos que se unem em matrimônio, mas seria uma analogia para assumi-la como humanidade, composta por homens, mulheres e toda a diversidade. Dever-se-ia olhar para a natureza da mesma forma: tudo é em comum e pertence a toda a humanidade. Toda a humanidade deve cuidar da Terra e proclamar que se faça justiça, responsabilizando legalmente quem agride a humanidade e a Terra.

A segunda espécie de justiça “é nossa e própria, não porque nós a operamos sozinhos, mas porque cooperamos com aquela primeira e alheia.”³⁷ Esta tem a ver com a prática das boas obras, o amor ao próximo e na humildade e no temor a Deus. Pelo qual essa justiça que praticamos é obra da justiça anterior, a “justiça de Deus”, pela fé em Cristo.³⁸

Quando se age com vingança e deseja-se o mal para a próxima ou próximo, mas se gloria de nossa justiça e não se sente vergonha pela injustiça causada, ou seja, quando as

³¹ LUTERO, Martim. Sermão sobre as duas Espécies da Justiça. **Obras Seleccionadas**, vol.1 São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia; Canoas: ULBRA, 1987. 1 v. p. 242.

³² LUTERO, 1987, p. 242.

³³ LUTERO, 1987, p. 243.

³⁴ LUTERO, 1987, p. 243.

³⁵ LUTERO, 1987, p. 243.

³⁶ LUTERO, 1987, p. 242.

³⁷ LUTERO, 1987, p. 243.

³⁸ LUTERO, 1987, p. 243.

ações são injustas, essa atuação é de perversão. Toda injustiça é contrária ao amor, já que por meio do amor se luta pelo que é da outra e do outro, pelo qual lamenta-se pelas dificuldades da próxima e do próximo e desejamos que tais dificuldades.³⁹

A segunda espécie da justiça chama a amar ao próximo e leva a agir não para o próprio bem, mas para o bem dos outros e das outras.⁴⁰ Igualmente, isso nos chama a amar a Terra e direcionar ações ao resgate dela.

Paul Tillich incita-nos a procurar o “sentido básico do amor, poder e justiça individualmente”⁴¹ e “esta deve de ser a nossa primeira tarefa”.⁴² Imaginemos que cada pessoa está na disposição da procura do amor, do poder e da justiça, mas, na perspectiva de comunidade, seria uma ferramenta de resgate para a humanidade e a Mãe-Terra.

Dos três conceitos apresentados por Paul Tillich, só abordaremos o sentido de justiça e a sua relação com o amor. Isto não significa que o termo do poder não seja fundamental, pelo contrário, já que, nas relações de poder, fundamentam-se as injustiças e as desigualdades na sociedade. Segundo Tillich, “desde os primeiros tempos, a justiça tem sido simbolizada no mito, na poesia, na cultura e na arquitetura. No entanto, seu significado não é claro.”⁴³ Também “não há princípios que sendo aplicados mecanicamente venham garantir que a justiça seja feita. Porém, há princípios de justiça expressando a forma de ser em seu caráter universal e inalterável.”⁴⁴ E “um princípio da justiça é o amor.”⁴⁵

Outro princípio é a igualdade: “A qual está implícita em cada lei, na medida em que a lei é igualmente válida para os iguais”.⁴⁶ Se há igualdade a partir da visão de Deus e sua justiça e ela é oferecida a todos e todas⁴⁷, porém, de “[...] fato não há estruturas igualitárias em qualquer sociedade.”⁴⁸ Somos injustos ao objetificar a humanidade, mas quando se transcende esse olhar e para ver o ser humano como pessoa, deixamos de infringir a justiça⁴⁹.
Quando se tem amor:

O amor não faz mais do que a justiça exige, todavia, o amor é o princípio máximo da justiça. O amor reúne a justiça, preserva o que está para ser unido. Está é a forma

³⁹ LUTERO, 1987, p. 246-247.

⁴⁰ LUTERO, 1987, p. 243-244.

⁴¹ TILLICH, Paul. **Amor, poder e justiça**: análises ontológicas e aplicações éticas. São Paulo: Novo Século, 2004. p. 20.

⁴² TILLICH, 2004, p. 20.

⁴³ TILLICH, 2004, p. 25.

⁴⁴ TILLICH, 2004, p. 59.

⁴⁵ TILLICH, 2004, p. 59.

⁴⁶ TILLICH, 2004, p. 60.

⁴⁷ TILLICH, 2004, p. 60.

⁴⁸ TILLICH, 2004, p. 61.

⁴⁹ TILLICH, 2004, p. 61.

na qual e através da qual o amor realiza sua obra. A justiça, em seu significado máximo, é justiça criativa, e justiça criativa é a forma de reunião do amor.⁵⁰

A justiça e o amor são fundamentais em todas as atividades que realizamos, em todas nossas ações, nossas expressões e em nossas relações. Ao escutar-se amor, vem à mente a supremacia do amor que está em 1Corintios 13.1-13.

Temos caminhado levemente pelo conceito de justiça, que também é uma forma da aplicação da igualdade e equidade, portanto, é necessário construir um conceito de justiça de acordo o que temos descrito e este vai orientar este trabalho. Justiça é uma ação que é guiada pelo amor e amparada nas leis estabelecidas as quais respeitam as liberdades, resgatam a igualdade, afiançam a equidade e garantem os direitos fundamentais dos seres humanos e da Terra.

2.2 JUSTIÇA DE GÊNERO

O significado das palavras nem sempre é inclusivo, plural e de reconhecimento do outro e da outra, pelo fato de que “as epistemologias filosóficas elaboradas a partir da tradição ocidental são de base antropocêntricas e androcêntrica”⁵¹, já “[...] que a sua descrição do conhecimento humano se refere particularmente a experiência de uma parte da humanidade apresentada como a experiência de conhecimento de todos os humanos.”⁵²

Por isso, queremos falar de gênero, principalmente a partir do feminismo, já que a “[...] história oficial é sempre masculina, mas suas consequências nefastas com frequência recaem sobre os ombros femininos.”⁵³ Queremos adentrar ao termo gênero, com as palavras de Joan Scott: “Através dos séculos, as pessoas utilizaram de modo figurado os termos gramaticais para evocar os traços de caráter ou os traços sexuais.”⁵⁴ A construção de gênero se faz a partir dessa perspectiva, mas foi com as feministas norte-americanas que o termo gênero foi disseminado, são aquelas

[...] que queriam enfatizar o caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo. A palavra indicava uma rejeição do determinismo biológico implícito no uso de termos como ‘sexo’ ou ‘diferença sexual’. O termo ‘gênero’ enfatizava igualmente o aspecto relacional das definições normativas da feminilidade. Aquelas

⁵⁰ TILLICH, 2004, p. 69.

⁵¹ GEBARA, 1997, p. 33.

⁵² GEBARA, 1997, p. 33.

⁵³ GEBARA, 1997, p. 47.

⁵⁴ SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721/40667>. Acesso em: 22 ago. 2022. p. 72.

que estavam preocupadas pelo fato de que a produção de estudos sobre mulheres se centrava nas mulheres de maneira demasiado estreita e separada utilizaram o termo ‘gênero’ para introduzir uma noção relacional em nosso vocabulário analítico. Segundo esta visão, as mulheres e os homens eram definidos em termos recíprocos e não se poderia compreender qualquer um dos sexos por meio de um estudo inteiramente separado.⁵⁵

Como historiadora, Scott percebe que o desafio é fazer uma

[...] análise não apenas da relação entre a experiência masculina e a experiência feminina no passado, mas também da conexão entre a história passada e a prática histórica presentes. Como o gênero funciona nas relações sociais humanas? Como o gênero dá sentido à organização e à percepção do conhecimento histórico? As respostas a essas questões dependem de uma discussão do gênero como categoria analítica.⁵⁶

Joan Scott também define gênero em duas partes e diversos subconjuntos que se relacionam, mas que se tem que analisar e distinguir. Esse núcleo de definição se encontra num acoplamento integral entre duas conjunturas. A primeira: “gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos”⁵⁷; e a segunda: “gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder.”⁵⁸

Scott continua fazendo a seguinte colocação: “as mudanças na organização das relações sociais correspondem sempre a mudanças nas representações do poder, mas a mudança não é unidirecional.”⁵⁹ Já que esta mudança tem o “elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças percebidas, o gênero implica quatro elementos interrelacionados.”⁶⁰ Destes quatro elementos, só abordaremos dois.

O primeiro elemento tem lugar nos “símbolos culturalmente disponíveis que evocam representações simbólicas (e com frequências contraditórias). Eva e Maria como símbolos da mulher, por exemplo, na tradição cristã ocidental.”⁶¹ Por sua vez, se tornam “mitos de mitos de luz e escuridão, purificação e poluição, inocência e corrupção.”⁶²

O segundo elemento tem relação com os “conceitos normativos que expressam interpretações dos significados dos símbolos, que tentam limitar e conter suas possibilidades metafóricas.”⁶³ Nesse sentido, “esses conceitos estão expressos nas doutrinas religiosas, educativas, científicas, políticas ou jurídicas e tomam a forma típica de uma oposição binária

⁵⁵ SCOTT, 1995, p. 72.

⁵⁶ SCOTT, 1995, p. 74.

⁵⁷ SCOTT, 1995, p. 86.

⁵⁸ SCOTT, 1995, p. 86.

⁵⁹ SCOTT, 1995, p. 86.

⁶⁰ SCOTT, 1995, p. 86. Em primeiro lugar, os símbolos culturalmente disponíveis. p. 86. Segundo lugar, conceitos normativos. p. 86. O terceiro é a concepção política. P. 87. O quarto é a identidade subjetiva. p. 87.

⁶¹ SCOTT, 1995, p. 86.

⁶² SCOTT, 1995, p. 86.

⁶³ SCOTT, 1995, p. 86.

fixa”⁶⁴ Scott ainda aponta que, “de fato, essas afirmações normativas dependem da rejeição ou da repressão de possibilidades alternativas e, algumas vezes, elas são abertamente contestadas”⁶⁵ e esta contradição deveria ser uma preocupação das historiadoras e dos historiadores⁶⁶. Nesse sentido, cremos que deve ser preocupação de todas as pessoas.

Como mencionado antes, isso nos leva a afirmar que a noção de gênero “é construída pelos grupos humanos. Tudo é misturado a cultura, realidade constitutiva e evolutiva. O dado biológico puro não existe: ele é ‘culturalizado’. O dado cultural é marcado por nossa condição biológica.”⁶⁷ Também Simone de Beauvoir, em seu livro *O Segundo Sexo*, inicia com a afirmação:

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino.⁶⁸

Quando se associa diferenciações sociais a partir do aspecto biológico e, com elas, as debilidades e restrições impostas pelo patriarcado, limita-se os papéis de gênero. Os papéis das mulheres poderiam transcender o doméstico e se abrir para toda a sociedade através de papéis sociais menos opressores. É então que a diversidade de funções se apresenta. Uma diversidade de opções que transcende o binário e dualista e que se abre como um leque de infinitas oportunidades para assegurar identidades. Quando nos referimos à diversidade, falamos da riqueza que temos na orientação sexual, na natureza, nas etnias, nas línguas, na sociedade, na fauna, na flora e no cosmos.

Com a noção de gênero como categoria de análise, procura-se olhar o todo com uma perspectiva plural, onde todos e todas têm a oportunidade de contribuir com suas experiências diversas⁶⁹ na construção das identidades de gênero⁷⁰. Quando o termo gênero é “introduzido

⁶⁴ SCOTT, 1995, p. 86.

⁶⁵ SCOTT, 1995, p. 86.

⁶⁶ SCOTT, 1995, p. 86.

⁶⁷ GEBARA, 1997, p. 13.

⁶⁸ BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. vol. 1. p. 9.

⁶⁹ GEBARA, 1997, p. 68.

⁷⁰ A identidade de gênero tem a ver com como uma pessoa se sente em relação ao seu próprio gênero, ou seja em termos da binaridade homem-mulher e o não encaixe nessas categorias, já que as demais categorias não estão na construção social realizada, porque não transcendem do binário. O tema das identidades de gênero é fortemente conectado ao tema da diversidade sexual. E André S. Musskopf Uma brecha no armário: propostas para uma teologia gay. 3. ed. São Leopoldo, RS: CEBI, São Paulo, SP: Fonte Editorial, 2015. Diz: “A diversidade sexual sempre tem existido na sociedade, mas o conceito “homossexual” é uma grandeza que apenas começou a existir a partir do final do séc. XIX e início do séc. XX. Embora sempre tenha existido relações entre pessoas do mesmo sexo, elas receberam significados distintos no decorrer da história.” p. 21. Segundo o autor, numa sociedade regida pelos parâmetros da heterossexualidade, a homossexualidade aparece como anormal, ameaçando a ordem estabelecida na sociedade onde domina a heteronormatividade, que é sustentada, pela ideologia de dominar aos mais fracos da sociedade. p. 26.

pelo feminismo quebra o mito do universalismo masculino nos diferentes campos do saber.”⁷¹ Trocando a perspectiva masculina por uma perspectiva plural, abre-se a oportunidade de contar a história das mulheres e das pessoas oprimidas e marginalizadas da história⁷². “O masculino não pode mais ser sinônimo de humano e de histórico e o ecológico não pode mais ser considerado um objeto da natureza a ser estudado e dominado pelo homem.”⁷³

Ao falar de gênero, não se pode deixar de falar dos movimentos feministas e seus aportes na construção e redefinir os paradigmas estabelecidos. Isto é apresentado por meio do protesto contra a exclusão política da mulher, “seu objetivo era eliminar as diferenças sexuais na política”⁷⁴, no lar, na sociedade e em todas as suas áreas de ação. “As feministas não apenas apontavam as incoerências; tentavam também as corrigir, demonstrando que elas também eram indivíduos em conformidade com os parâmetros de individualidade.”⁷⁵ Pela luta e a implementação constantes das estratégias estabelecidas, “foram exemplo de uma habilidade quase mágica de farejar e explorar ambiguidades nos conceitos fundamentais da filosofia, da política e do senso comum.”⁷⁶

E essa luta estabeleceu “um elo entre esses conceitos e sua própria busca por direitos políticos, atendo-se às implicações duvidosas existentes no uso comum desses conceitos e fazendo com que as divergências sobre seus significados servissem para apoiar-lhes a causa.”⁷⁷ Os passos dados pelas mulheres para alcançar os objetivos não foram fáceis, pois havia uma constante exclusão e rechaço da classe política e econômica, a qual estabelecia – e continua estabelecendo – as barreiras, para que as mulheres tenham seu reconhecimento pleno como humanas.

No transcorrer da história, as lutas das mulheres têm tido diferentes temas e enfoques para conceituar, contextualizar e mudar os paradigmas de exclusão, pela filosofia, política, psicologia, a diferença sexual e os espaços de atuação delas. E isto levou as feministas a alcançarem uma solidariedade sem importar as diferenças que estabeleciam⁷⁸.

O conceito de gênero está carregado “com um forte apelo relacional já que é no âmbito das relações sociais que se constroem gêneros”⁷⁹. Desta forma, “passa a exigir que se

⁷¹ GEBARA, 1997, p. 68.

⁷² GEBARA, 1997, p. 68.

⁷³ GEBARA, 1997, p. 68.

⁷⁴ SCOTT, Joan. **A cidadã paradoxal: as feministas francesas e os direitos do homem**. Florianópolis: Mulheres, 2002. p. 27.

⁷⁵ SCOTT, 2002, p. 38.

⁷⁶ SCOTT, 2002, p. 39.

⁷⁷ SCOTT, 2002, p. 40.

⁷⁸ SCOTT, 2002. p. 42.

⁷⁹ LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 22.

pense de modo plural, acentuando que os projetos e as representações sobre mulheres e homens são diversos”⁸⁰. A partir daí, tem-se novas ressignificações, novos sentidos, dos quais temos que nos apropriar⁸¹.

Porém, a sociedade, a partir desse referencial relacional, não pode impor formas, desejos, cores, normas, papéis, modos de relacionar, brinquedos, jogos e condutas. Aliás, a sociedade deve buscar uma forma de eliminar as desigualdades entre as mulheres, os homens e as identidades sexuais impostas e ter o olhar diferenciado para as próprias identidades das pessoas, que mudam, se ressignificam e se transformam, mas sempre são construídas em sociedade e passíveis de transformação⁸².

O gênero já não pode ser limitado pelas definições dominadoras dos paradigmas estabelecidos na sociedade, que se valem de séculos de imposição. Temos que desconstruir radicalmente esses paradigmas e colaborar numa construção conjunta dos novos paradigmas da sociedade com justiça de gênero.

Quando se visibiliza a demanda de espaço e condições para a permanência da atuação das mulheres em todas as áreas do conhecimento, e se faz intervenções na realidade para transformar essa realidade injusta e seus paradigmas estabelecidos na sociedade, faz-se justiça de gênero. Isso traria igualdade, equidade, justiça, integralidade, sustentabilidade e paz na sociedade.

Assim, é possível unir a sociedade em sua imensa diversidade. Para isso, é preciso:

[...] emergir uma história que oferecerá novas perspectivas sobre velhas questões (como, por exemplo, é imposto o poder político, qual é o impacto da guerra sobre a sociedade), redefinirá velhas questões em novos termos (introduzindo, por exemplo, considerações sobre a família e a sexualidade no estudo da economia e da guerra), tornará as mulheres visíveis como participantes ativas e criará uma distância analítica entre a linguagem aparentemente fixa do passado e nossa própria terminologia. Além disso, esta nova história abrirá possibilidades para a reflexão sobre atuais estratégias políticas feministas e o futuro (utópico), pois ela sugere que o gênero deve ser redefinido e reestruturado em conjunção com uma visão de igualdade política e social que inclua não somente o sexo, mas também a classe e a raça.⁸³

Segundo André S. Muszkopf:

Pensar no tema “políticas de justiça de gênero” implica, de saída, trazer para o campo do discurso e assumir a existência dessa própria afirmação. Ainda no contexto da discussão de Judith Butler, esse ato performativo de fala pode ser um ato de resistência tanto no âmbito do discurso quanto da experiência concreta e real das relações cotidianas. Ou seja, para falar sobre essas questões é necessário

⁸⁰ LOURO, 1997, p. 23.

⁸¹ LOURO, 1997, p. 23.

⁸² LOURO, 1997, p. 24 e 27.

⁸³ SCOTT, 1995, p. 93.

pressupor que “gênero”, “justiça” e “políticas” de fato existem e são passíveis ou estão abertas à reflexão e debate, assim como à ação.⁸⁴

Ainda para André Musskopf, “[...] não há gênero sem feminismo.”⁸⁵ Mas em realidade que é feminismo?

feminismo é a ideia radical de que mulheres são gente, popularizada na internet deverá dar conta de dissipar esse medo, senão, só a terapia. Nesse sentido, será suficiente apenas dizer que há diferentes correntes feministas que deitam suas raízes em processos históricos, culturais e políticos diversos.⁸⁶

A tarefa da justiça de gênero é reconhecer que as mulheres são seres, seres de ação na sociedade, que não são passivas, mas que estão em constante resistência para superar os obstáculos de uma sociedade classista, separatista, machista, patriarcal, quiriarcal e dualista. A justiça de gênero é o motor que gera os passos da libertação da sociedade, para chegar a uma sociedade com equidade de gênero.

Parafraseando André Musskopf, sem a discussão que se faz de justiça de gênero no âmbito das instituições, não se teria dado os passos alcançados até agora, mas é necessário continuar falando da importância da justiça de gênero, já que, por meio dela, se abre uma brecha pra continuar nos passos necessários para a igualdade e equidade de gênero.⁸⁷

Também André Musskopf afirma que: "As análises numa perspectiva de gênero também permitem olhar para outras realidades e perceber de que forma diferentes questões se manifestam no cotidiano de maneira injusta."⁸⁸

O autor continua apontando que,

pode-se, então, pensar “justiça” como uma forma de superação das várias questões que fazem com que alguns indivíduos e grupos sociais sejam mais vulneráveis diante de determinadas questões, nesse caso particular considerando as questões de gênero. Isso não significa afirmar que mulheres são mais “vulneráveis” no tradicional sentido da expressão “sexo frágil”, mas que as condições materiais de produção e reprodução da vida estão distribuídas de forma desigual em diferentes escalas dentro da pirâmide binária heterossexista, racista e classista, particularmente na forma de obstáculos que dificultam e/ou impedem o acesso aos meios na forma de relações violentas. Justiça, então, refere-se à busca pela superação de condições que colocam pessoas e grupos em situação de vulnerabilidade através de relações de poder desiguais e violentas, e pode ser pensada desde distintas perspectivas. É possível, por exemplo, pensar “justiça” numa perspectiva bíblico-Teológica desde a ideia de “shalom” (situação de bem-estar integral) ou do conceito de “libertação”

⁸⁴ MUSSKOPF, André S. Políticas de justiça de gênero: tendências e debates. **Estudos feministas e religião:** Organização de Sandra Duarte de Souza, Naira Pinheiro dos Santos - 1.ed. - Curitiba: Editora Prismas, São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo. Vol. 2. 2015. p 131.

⁸⁵ MUSSKOPF, 2015. p. 133.

⁸⁶ MUSSKOPF, 2015. p. 133.

⁸⁷ MUSSKOPF, 2015. p. 134.

⁸⁸ MUSSKOPF, 2015. p. 138.

assim como desenvolvido no contexto da Teologia da Libertação e da Teologia Feminista da Libertação.⁸⁹

Segundo Wanda Deifelt:

Sabemos que os estudos de gênero nos ajudam a superar a noção dualista de que gênero se restringe somente às construções do masculino o do feminino. Tivemos avanços apesar de ainda não ser suficiente no desenvolvimento de teorias e teologias atentas à multiplicidade de identidades sexuais que extrapolam esta construção dual, dando visibilidade à comunidade GLTBQ (gay, lésbica, trans, bissexual e queer). Hoje, por uma questão histórica, volto a salientar a misoginia explícita que continua permeando nossa cultura, sociedade e religião e priorizar experiências de mulheres.⁹⁰

Os ensinamentos negativos e destrutivos que são transmitidos referentes aos termos gênero, diversidade, equidade têm demonizado os movimentos feministas e ecofeministas. Para reverter toda a educação negativa e desinformação, as feministas e ecofeministas precisam da teologia ecofeminista, pois há

A necessidade de desconstruir estes ensinamentos e reconstruir outras perspectivas teológicas baseadas na mensagem de aceitação, inclusão e transformação que Jesus ensinou, resgatando a integridade da criação onde tanto o homem como a mulher são imagem de Deus, associada a uma compressão de Igreja como corpo de cristo, onde já não há mais judeus nem negros, escravo ou livre, [...].⁹¹

Essa desconstrução brotara da justiça de gênero e o ecofeminismo, pelo qual é urgente a sua implementação nas instituições e na sociedade, já que,

no contexto atual da sociedade, as mulheres são a que mais sofrem e mais são discriminadas. Pesa sobre elas a tríplice opressão da classe, da raça e do sexo. Tratadas secularmente como “menores de idade” ou mesmo como “não pessoas”, tiveram que suportar até agora o peso de uma estrutura social fortemente machista.⁹²

Segundo Elizabeth Johnson a teologia feminista cristã, e agregaríamos teologia ecofeminista, é:

[...] uma reflexão sobre Deus e sobre todas as coisas, à luz de Deus, que se posiciona conscientemente ao lado de todas as mulheres do mundo inteiro, valorizando explicitamente a sua humanidade autêntica e, ao mesmo tempo, expondo e criticando a sua contínua violação através do sexismo, que é, em si mesmo, um paradigma onipresente de um relacionamento injusto. Em termos de doutrina cristã, esta perspectiva reivindica a plenitude da herança religiosa para a mulher precisamente como ser humano que é, em seu próprio direito e independente da

⁸⁹ MUSSKOPF, 2015. p. 139.

⁹⁰ DEIFELT, Wanda. Teologia Feminista: Uma História Construída em Mutirão. In: MUSSKOPF, André S.; BLASI, Marcia (org.). **História, Saúde e Direitos: sabores e saberes do IV Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião**. São Leopoldo: CEBI, 2016. p. 17.

⁹¹ DEIFELT, 2016, p. 23.

⁹² BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. **O segredo feminino do mistério: ensaios de teologia na ótica da mulher**. Petrópolis: Vozes, 1991. p 31.

identificação pessoal com o homem. A mulher foi da mesma forma criada à imagem e semelhança de Deus, igualmente redimida por Cristo, igualmente santificada pelo Espírito Santo; a mulher está igualmente envolvida na contínua tragédia do pecado e no mistério da graça, igualmente destinada à vida com Deus na glória.⁹³

2.3 ECOFEMINISMO

Além dessa preocupação social, queremos incluir a preocupação com o cuidado pela criação. Faremos isso através do ecofeminismo. Iniciamos a reflexão com a pergunta e a resposta de Rosemary Radford Ruether:

O que é ecofeminismo? O ecofeminismo representa uma união de duas preocupações: a ecologia e o feminismo. O termo 'ecologia' provém da ciência biológica dos sistemas ambientais naturais. A ecologia examina como essas comunidades naturais funcionam de modo a sustentar uma teia sadia de vida e como elas são rompidas, causando a morte de plantas e animais. A intervenção humana é a principal causa dessa ruptura da forma como ocorre na atualidade. Assim, a ecologia se popularizou nos anos 60 como um estudo socioeconômico e biológico combinado, com a finalidade de examinar como o uso da natureza pelos seres humanos está causando a poluição do solo, do ar e da água, a destruição dos sistemas naturais de vida de plantas e animais, ameaçando a base vital da qual depende a comunidade humana.⁹⁴

O ecofeminismo é um passo a mais no desenvolver do feminismo, na perspectiva do cuidado com a natureza e as mulheres, desde a espiritualidade e do empoderamento dos corpos femininos⁹⁵. Muitas ecofeministas criticaram a dominação e colonização do corpo das mulheres e da natureza pelo fato que o que excluía a apreciação de gênero e a relação existente do antropocentrismo e do androcentrismo⁹⁶. Neste sentido, o conceito de ecofeminismo se funda no discernimento básico “[...] que na cultura ocidental e nas culturas patriarcais de modo geral há uma conexão fundamental entre a dominação das mulheres e a dominação da natureza.”⁹⁷

Entre as ecofeministas ocidentais, essa conexão entre a dominação das mulheres e a dominação da natureza é geralmente estabelecida, em primeiro lugar, no nível cultural-simbólico. Registra-se a forma como a cultura patriarcal definiu as mulheres como seres ‘mais próximos da natureza’ ou como seres que, na cisão entre natureza e cultura, estão no lado da natureza. Isso se mostra na maneira como as mulheres foram identificadas com o corpo, a terra, o sexo, a carne em sua mortalidade, fraqueza e ‘propensão ao pecado’ vis-à-vis uma interpretação da masculinidade que

⁹³ JOHNSON, Elizabeth A. **Aquela que é: o mistério de Deus no trabalho teológico feminino**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. p. 25.

⁹⁴ RUETHER, Rosemary Radford. Ecofeminismo: mulheres do Primeiro e do Terceiro Mundo. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 36, n. 2, p. 129-139, 1996. p. 129.

⁹⁵ ALVES, 2006, p. 58.

⁹⁶ RUETHER, 1996, p. 129.

⁹⁷ RUETHER, 1996, p. 129-130.

a identifica com o espírito, a mente e o poder soberano tanto sobre as mulheres quanto sobre a natureza.⁹⁸

Segue Ruether:

De que maneira as mulheres, como grupo de gênero, foram colonizadas pelo patriarcado como sistema jurídico, econômico, social e político? De que maneira essa colonização do corpo e do trabalho das mulheres funciona como subestrutura invisível para a extração dos recursos naturais? De que maneira o posicionamento das mulheres como seres que cuidam das crianças, do jardim e da horta, como tecelãs, cozinheiras, faxineiras e administradoras do lixo para os homens na família inferioriza este trabalho e também identifica as mulheres com um mundo não-humano igualmente inferiorizado?⁹⁹

O termo “ecofeminista não é uma novidade que se impõe à primeira abordagem, nem algo pronto para ser adquirido como um novo livro; é uma atitude, uma busca de sabedoria, uma convicção que se desenvolve em conexão com o conjunto de todos os seres vivos.”¹⁰⁰

Como seres humanos, estamos em procura permanente pela salvação, mas precisamos pensar na “salvação do corpo da sagrada Terra, corpo prostituído, vendido e comprado em vista do lucro fácil e de acúmulo de riquezas para uma minoria.”¹⁰¹ Nestes momentos, reconhecemos a importância da perspectiva ecofeminista, que nos leva a “perceber a necessidade de nos acolhermos como um mesmo Corpo Sagrado”¹⁰².

“Abre-nos para a importância de um Corpo Maior que meu próprio individual a fim de alargar nossa capacidade de respeitar e cuidar dele”¹⁰³, sem perder a nossa individualidade e as nossas experiências pessoais, o que implica em conectar-se a um Ser Maior, eliminando as barreiras imposta pelo patriarcado, pelo machismo e antropocentrismo¹⁰⁴.

Isso nos leva a compreender que o “[...] pensamento religioso ecofeminista na América Latina nasce especialmente de grupos de intelectuais que têm compromisso com as mulheres empobrecidas”¹⁰⁵, já que o “[...] ecofeminismo nos abre para outras conexões, denunciando o caráter ideológico de boa parte da ciência patriarcal.”¹⁰⁶ A ciência feita com olhar patriarcal, não tem dado bons resultados quanto a igualdade, equidade, justiça, integralidade, mas tem se empenhado em “marginalizar, estigmatizar as mulheres e as minorias da sociedade, por isso, urge implementar a postura ecofeminista desde essa

⁹⁸ RUETHER, 1996, p. 130.

⁹⁹ RUETHER, 1996, p. 130.

¹⁰⁰ GEBARA, 1997, p. 31.

¹⁰¹ GEBARA, 1997, p. 23.

¹⁰² GEBARA, 1997, p. 23.

¹⁰³ GEBARA, 1997, p. 61.

¹⁰⁴ GEBARA, 1997, p. 61.

¹⁰⁵ GEBARA, 1997, p. 21.

¹⁰⁶ GEBARA, 1997, p. 56.

perspectiva crítica as políticas relacionadas [...] a luta antirracista, antissexista e antielitista.”¹⁰⁷ Nisso concordamos plenamente com Ivone Gebara: temos que implementar essa luta frontal contra tudo aquilo que continua vulnerabilizando a vida das pessoas e coloca em risco a existência da Terra, portanto, a existência da raça humana¹⁰⁸.

O ecofeminismo nos dá a oportunidade de “buscar caminhos alternativos de convivência”¹⁰⁹ e, fazendo isso, a “ecologia e feminismo convidam a arrumar os sentidos e o conhecimento de um outro jeito. Por isso, um passo importante a ser dado é repensar o a epistemologia para, a partir daí, captar de uma outra maneira os sentidos de nossa existência.”¹¹⁰ Não podemos negar que pensar é uma tarefa árdua, mas necessária, pois as gerações futuras esperam um legado crítico de nossas produções culturais,¹¹¹ que procure “democratizar o conhecimento entregando as pessoas o poder de conhecer os mecanismos de seu conhecimento a partir de sua experiência.”¹¹²

Uma dessas experiências é praticar a sustentabilidade¹¹³ em todas as áreas da vida, já que a sustentabilidade tem a ver com ecofeminismo, por dar a possibilidade de preservar a natureza para ter um futuro alentador e uma Terra ainda viva a sustentando a vida.

Uma experiência sustentável e ecofeminista é a agroecologia. Nancy Cardoso Pereira apresenta um caminho que leva da agropornografia à agroecologia, faz um jogo de palavras referente aos produtos de consumo e o preço que tem, mas que querem ser consumidos na perspectiva de luxúria, amor, desejo e sedução.¹¹⁴ Ao referir-se a agropornografia, trata do interesse em fazer dinheiro, já que o objetivo é a produção em massa de produtos que são fácil

¹⁰⁷ GEBARA, 1997, p. 16.

¹⁰⁸ GEBARA, 1997, p. 16.

¹⁰⁹ GEBARA, 1997, p. 17.

¹¹⁰ GEBARA, 1997, p. 24.

¹¹¹ GEBARA, 1997, p. 27.

¹¹² GEBARA, 1997, p. 29.

¹¹³ Leonardo Boff, apresenta-nos um conceito de sustentabilidade em seu livro intitulado *Sustentabilidade: o que é - o que não é*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. Na página 17 diz: “Sustentabilidade é um modo de ser e de viver que exige alinhar as práticas humanas às potencialidades limitadas de cada bioma e às necessidades das presentes e das futuras gerações”. Na mesma página 17 continua: “Sustentabilidade deve de ser pensada numa perspectiva global, envolvendo todo o planeta, com equidade, fazendo que o bem de uma parte não se faça à custa do prejuízo da outra. Os custos e os benefícios devem ser proporcionais e solidariamente repartidos.” Na página 116 diz: “Sustentabilidade é toda ação destinada a manter as condições energéticas, informacionais, físico-químicas que sustentam todos os seres, especialmente a Terra viva, a comunidade de vida, a sociedade e a vida humana, visando sua continuidade e ainda atender as necessidades das gerações presente e das futuras, de tal forma que os bens e serviços naturais sejam mantidos e enriquecidos em sua capacidade de regeneração e coevolução.”

¹¹⁴ PEREIRA, Nancy Cardoso. Da agropornografia à agroecologia: Uma aproximação queer contra as elites vegetais... Em comunicação com o solo. In: MUSSKOPF, André S.; BLASI, Marcia (org.). **História, Saúde e Direitos: sabores e saberes do IV Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião**. São Leopoldo: CEBI, 2016. p. 35.

substituição,¹¹⁵ sem olhar o dano causado à terra e as consequência que a humanidade vai enfrentar pelo desmedido uso de agrotóxicos.

“O agronegócio se impõe sobre a terra, intervém violentamente em busca do lucro máximo no menor tempo possível.”¹¹⁶ E com a utilização de produtos químicos “as árvores crescem mais rapidamente, a fim de serem cortadas; os animais são engordados para serem abatidos de forma mais rápida; sementes modificadas respondem mais previsivelmente, mais rapidamente e prontas para morrer.”¹¹⁷ Isto leva a que “água seja mercantilizada e não dá tempo para se recuperar, e funciona superintensivamente em instantâneos de irrigação eliminando, córregos e rios.”¹¹⁸

Na agroecologia, as formas de produção são lentas, pacientes e cheias de ações prévias. Há relação com a Terra e com o conhecimento e encantamento que ela exige, desta forma, busca-se “matar a urgência de fome e o desejo de comer com a fruta na boca, sem sacrificar a árvore.”¹¹⁹ A agroecologia ou agricultura é:

Um conjunto de conhecimentos estabelecidos e metabolizados por grupos sociais na relação com a natureza. Este corpo de conhecimento constitui-se pelas formas de trabalho, de lazer, de valor e de encantamento que são muitas complexas que somente os processos de produção, distribuição e consumo.¹²⁰

Nancy Cardoso adverte que:

O protagonismo das mulheres na agroecologia também não pode se basear em idealizações. Não! As mulheres não são seres mais sensíveis e mais afeitas ao sexo e ao erótico. Este é um papel e um imaginário construído socialmente. Não! As mulheres não estão mais próximas da natureza... porque estão historicamente associadas às formas de produção do grupo familiar e suas comunidades lidam e conhecem os lugares para além dos métodos do patriarcado.¹²¹

Pode-se dizer que, na perspectiva do ecofeminismo, a Terra:

Pode ser mãe, mas uma mulher erotizada, ou uma amiga, um professor, um irmão: erotizada, a terra pode ser o que quiser como expressão de uma relação para além da mercadoria, para além da produção e da burocracia tecnológica. Nesse sentido, reconhecemos os povos indígenas, pequenos agricultores e comunidades agroecológicas como seus intérpretes mais atentos, e acreditamos que estas

¹¹⁵ PEREIRA, 2016. p. 37.

¹¹⁶ PEREIRA, 2016. p. 39.

¹¹⁷ PEREIRA, 2016. p. 39.

¹¹⁸ PEREIRA, 2016. p. 39.

¹¹⁹ PEREIRA, 2016. p. 39.

¹²⁰ PEREIRA, 2016. p. 39.

¹²¹ PEREIRA, 2016. p. 40.

comunidades preparam já os processos de transição agroecológica e podem nos orientar no caminho para o pós-capitalismo.¹²²

A preocupação fundamental do ecofeminismo está no cuidado com a humanidade, o corpo e a Terra. Isto exige boas relações entre mulheres e homens, o respeito mútuo sem imposição, manipulação, marginalização, maus-tratos, estigmatização e vê-los como sagrados. Fazer isso mudaria a relação com a sociedade e com a Terra, já que o vínculo deve transcender do doméstico e privado ao social e público porque têm a mesma corresponsabilidade de lutar pela nova sociedade.

Precisamos resgatar o sagrado, pois o capitalismo tem se apropriado dele. O capitalismo se apresenta como o grande salvador da humanidade, para se adaptar a esse discurso de sagrado é necessário grande sacrifício que garante domínio total e não permite desleais ou dissidentes.¹²³ O irônico é que a Igreja reforça a inevitabilidade do mercado, não impede a alienação das mulheres e crianças no processo de dominação dos corpos e da exploração da Terra.¹²⁴ Em suas pregações e discursos, as Igrejas ficam “silenciosas e cuidadosas do mercado e sua religião, as Igrejas exercitam sua fatia de poder no campo moral como prêmio de consolação pela perda da hegemonia do sagrado no âmbito econômico e político.” Ao perder tal domínio, as Igrejas passaram a se empenhar, por exemplo, no discurso da defesa da vida de fetos, colocando-se contra diretos reprodutivos das mulheres e outros direitos da população. Nisso é explicitado o papel do mercado e do capital globalizado.¹²⁵

As feministas, mediante suas contribuições teológicas e a criação do ecofeminismo, continuam enfrentando questões econômicas e éticas mediante a ressignificação dos modelos de produção desleal, destrutor da vida e da Terra, isto nos leva a urgência de lutar contra quem sustenta este modelo de produção e o modelo patriarcal.¹²⁶ Precisamos abandonar modelos reducionistas e colocar o olhar na pluralidade,¹²⁷ na complementaridade e afiançar nossos esforços para uma vida plena, digna e sem restrições.

Depois de ter analisado os conceitos de justiça, justiça de gênero e ecofeminismo, agora se analisará, se a Terra é um ser vivo e sustenta a vida, mas que nossas ações têm colocado em perigo a Terra e a humanidade. Também se olhara sem existir a possibilidade de construir uma nova história de amor, reconciliação e cuidado com a humanidade e a Terra.

¹²² PEREIRA, 2016. P. 40.

¹²³ PEREIRA, Nancy Cardoso. **Palavras... se feitas de carne**: leitura feminista e crítica dos fundamentalismos. São Paulo, SP: Católicas pelo Direito de Decidir, 2003. p. 14.

¹²⁴ PEREIRA, 2003. p. 15.

¹²⁵ PEREIRA, 2003. p. 15.

¹²⁶ PEREIRA, 2003. p. 17.

¹²⁷ PEREIRA, 2003. p. 17.

3 A TERRA É UM SER VIVO, QUE SUSTENTA A VIDA E ESTÁ EM PERIGO

No capítulo anterior falamos da justiça e da sua aplicação em diversas formas, como o amor, princípio máximo da justiça; depois caminhamos pelo conceito de justiça de gênero e ecofeminismo. Tudo isso tem a ver com o cuidado do ser humano e da Terra. A seguir, falaremos sobre a Terra e sobre como podemos construir uma nova história de amor com a humanidade e a Terra, trabalhando na questão da unidade para evitar a aceleração da morte do planeta o que levaria ao fim da humanidade.

3.1 A TERRA EM PERIGO

Cada pessoa tem o sonho de ter um lugar, um espaço em nosso planeta, já que nele temos a possibilidade de residir e ter suprimentos dos recursos naturais. Não se trata apenas de depender da Terra, mas de ter uma interdependência com ela, com os demais seres humanos, com a natureza e com o Cosmos¹²⁸. Essa interdependência ou interconectividade é entre o que foi criado por Deus. Isto implica que o ser humano deve cuidar da Terra da mesma forma que ela cuida do ser humano.

Segundo Rose Marie Muraro:

Nestes oito mil anos em que os sistemas simbólicos masculinos se solidificaram e se enraizaram, destruimos mais a natureza que nos outros dois mil milhões de anos, principalmente a destruição ocasionada nos últimos trezentos anos da Revolução Industrial. Mas ainda: a grande destruição acelerou-se explosivamente nos últimos cinquenta anos os da Segunda Revolução Industrial, aponto de ameaçar seriamente a espécie humana e o planeta.¹²⁹

Gottfried Brakemeier escreve:

Não faltam as vozes alertando que restam apenas pouquíssimos anos para retardar os efeitos desastrosos causados por destruição da natureza e descuido com a vida no planeta. Não obstante, aumentam a depredação e a poluição da biosfera e dos recursos naturais indispensáveis para a existência condigna das gerações futuras. A sociedade atual aposta no crescimento do consumo como solução para os problemas sociais à custa do meio ambiente. Porventura há como reverter a marcha à autodestruição da espécie humana?¹³⁰

¹²⁸ GEBARA, 1997, p. 61.

¹²⁹ MURARO, Rose Marie; BOFF, Leonardo. **Feminino e masculino**: uma nova consciência para o encontro das diferenças. Rio de Janeiro, RJ: Sextante, 2002. p. 269.

¹³⁰ BRAKEMEIER apud REIMER, 2010, p. 9.

Segundo Elizabeth A. Johnson, “[...] A devastação de pessoas e a devastação da Terra andam juntas. Isto exige a luta por uma ordem social mais justa em parceria com a luta pela integridade ecológica.”¹³¹

O objetivo de nossos esforços deve ser estabelecer e proteger ecossistemas saudáveis onde todas as criaturas vivas, incluindo os seres humanos pobres, possam florescer. O objetivo é uma sociedade socialmente justa e ambientalmente sustentável em que as necessidades de todas as pessoas sejam satisfeitas, e o meio ambiente natural permaneça saudável até a sétima geração.¹³²

Essa é a nossa realidade, na atualidade, mas o que a tradição judaica nos aponta, em Gênesis 1.2, lemos uma descrição do ambiente “a terra estava vazia e vaga, as trevas cobriam o abismo, e um sopro de Deus agitava a superfície das águas.”¹³³ Para as pessoas que escreveram o texto, no princípio, a terra, trevas, água. Em Gn. 1.3 começa um relato de cosmogonia a luz, que se denomina como dia, e as trevas como noite.

Ao olhar para a Terra, temos que reconhecer que na mentalidade judaica havia territórios que antecediam a criação e, portanto, havia o planeta embora ele não fosse compreendido assim, na cultura. A Terra não tem a designação de algo bom ao início, mas como ela produz todo tipo de semente, que são nosso alimento, também ela produz todo tipo de seres vivos, e é isso que dá à Terra o sentido de que é boa.

Depois de tudo, vem a criação da humanidade, composta por homem e mulher. Deus os criou a sua imagem. Deus se relaciona com essa imagem que está aqui na Terra. Outro fato extraordinário é que Deus toma a humanidade como sua morada, já que Deus nos determinou para ser a sua imagem¹³⁴. E coloca sob o domínio do ser humano tudo o que havia feito. E para Deus, tudo o que tinha feito era muito bom e para nosso tempo, ainda continua sendo muito bom. O problema é que temos confundido domínio por extermínio. A criação na sua totalidade foi feita “a partir do amor de Deus.”¹³⁵ Tudo o que Deus fez, foi feito por amor e entregue por amor a humanidade, sem reservas, mas com advertência de cuidar dela.

¹³¹ JOHNSON, Elizabeth A. **O Deus vivo em perspectiva cósmica**. São Leopoldo: Instituto Humanitas Unisinos, 2010. p. 10.

¹³² JOHNSON, 2010, p. 10.

¹³³ BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. ANDERSON, Ana Flora (coord.). Tradução de Gilberto da Silva Gorgulho e Ivo Storniolo. ed. rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2002. p. 33. Nota: essa será a Bíblia utilizada nas demais citações bíblicas deste trabalho.

¹³⁴ MOLTSMANN, Jürgen. **Deus na criação**: doutrina ecológica da criação. Petrópolis: Vozes, 1993 p. 124.

¹³⁵ MOLTSMANN, 1993, p. 122.

Segundo Ivoni Richter Reimer. “Jesus fala da terra de tal maneira que nos ensina que ela não está aí para ser explorada. Seus frutos não devem ser acumulados, como nos mostra o exemplo da parábola do latifundiário ganancioso e avarento (Lc. 12,13-21).”¹³⁶

Boff apresenta a seguinte descrição: “Pertencemos à Terra; somos filhos e filhas da Terra; somos Terra”, mas que sentido tem ser Terra? “Em primeiro lugar significa que temos elementos-Terra no corpo, no sangue, no coração, na mente e no espírito.”¹³⁷ E a partir desse sentido se deriva nossa entranhável unidade com a Terra¹³⁸. A visão cósmica do olhar para a Terra se dá desde a perspectiva que o ser humano e o planeta formam uma única entidade. Daí se pode falar que não só vivemos na Terra, somos a Terra na qual caminhamos, descansamos e amamos, mas ela está ameaçada pelos séculos de exploração e de agressão constantes, atos cometidos pela mesma humanidade a qual deve cuidar dela¹³⁹.

Segundo Moltmann, da Terra vem a vida que é nutrida por ela e, no momento de nossa morte, voltamos a ela, que foi nosso ventre materno. isto é denominado círculo vital, pelo fato que um dia nascemos, mas noutra dia morremos e nos toca renascer¹⁴⁰. A Terra é de suma importância para a vida humana, por isso, precisamos cuidar, com amor, por meio da sustentabilidade. O ecofeminismo como uma ferramenta fundamental de proteção da humanidade e da Terra se faz uma riqueza.

A Terra está enferma e em ameaça de morte, não se pode seguir com a concepção ilusória de que os recursos naturais são inesgotáveis. E a crise na qual estamos vivendo nos faz ver que nem todos os recursos são renováveis; também não se pode universalizar o paradigma de crescimento ou que seja algo para sempre¹⁴¹, pelo fato que esse crescimento não equitativo pra todas as pessoas da sociedade.

Segundo Boff, “o modelo de sociedade e o sentido de vida que os seres humanos projetaram para si, pelo menos nos últimos 440 anos, estão em crise.”¹⁴² Neste tempo, só se tem pensado em beneficiar-nos ao máximo da Terra, sem retorno para ela no cuidado e sem ter respeito pela vida que gera. Isto causará efeito irreversível para a Terra e a vida que sustenta, como a própria humanidade¹⁴³.

¹³⁶ REIMER, Ivoni Richter. **Terra e água na espiritualidade do movimento de Jesus**: contribuições para um mundo globalizado. São Leopoldo, RS: Oikos, Goiânia: PUC Goiás, 2010. p. 40.

¹³⁷ BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra**. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 80.

¹³⁸ BOFF, 2012, p. 87.

¹³⁹ BOFF, Leonardo. **Princípio Terra: a volta à Terra como pátria comum**. São Paulo: Ática, 1995. p. 9.

¹⁴⁰ MOLTSMANN, 1993, p. 424-427.

¹⁴¹ BOFF, 1995, p. 13-14.

¹⁴² BOFF, 1995, p. 15.

¹⁴³ BOFF, 1995, p. 15.

Como seres humanos, temos perdido a empatia, o respeito pelo sagrado de nosso habitat, somos ingratos e ingratas e não temos a mínima cortesia com a Terra e com a vida que gera. Temos ficado cegos e cegas quanto a essa problemática, isso tem levado a naturalizar o desastre que causamos à natureza, que nos trará graves consequências¹⁴⁴. Urge que a humanidade tome consciência da Terra como “o planeta que os gerou, que alimenta, guia e cura, planeta que tem sofrido tantos abusos nestes últimos dois séculos de exploração industrial.”¹⁴⁵ Esses abusos extremos levarão muitas espécies à extinção em breve tempo.¹⁴⁶

Temos avançado como humanidade nos “mistérios mais profundos”¹⁴⁷ da Terra. Temos a capacidade de deslocar montanhas, extrair água dos rios para irrigar as produções, transformar os recursos da Terra em elementos fundamentais de uso diário e descartáveis¹⁴⁸. “Podemos arrancar todo o tapete verde da vegetação que cobre as pradarias do Oeste e derramar produtos tóxicos no solo e pesticidas nas plantações, até que o solo morra e se torne poeira levada pelos ventos.”¹⁴⁹ Temos a capacidade de “poluir a atmosfera com ácidos, os rios com esgotos, os mares com óleo e tudo isso num tipo de intoxicação, com nosso poder devastador, numa ordem de grandeza que supera toda imaginação.”¹⁵⁰ Avançamos no campo da tecnologia, da medicina, na indústria, na comunicação e em todos os campos que dão atendimento às pessoas e à Terra. “Mas para quê? Para aumentar o volume e a velocidade de exploração dos recursos naturais lançados na voragem consumista e logo jogados ao lixo do desperdício.”¹⁵¹ Estamos carentes de um sentido de vida, não estamos totalmente satisfeitos e satisfeitas, isso não leva à plenitude das realizações pessoais, sociais, emotivas e espirituais¹⁵².

James Lovelock nos descreve o poder da Terra de matar a partir do *tsunami* de dezembro de 2004, “que devastou a bacia do oceano Índico.”¹⁵³ A Terra,

[...] viva se queixa de febre. Vejo o declínio da saúde da Terra como nossa preocupação mais importante, nossas vidas dependem de uma Terra sadia. Nossa preocupação com ela deve de vir em primeiro lugar, porque o bem-estar das massas crescentes de seres humanos exige um planeta sadio.¹⁵⁴

¹⁴⁴ BERRY, Thomas. **O sonho da terra**. Petrópolis: Vozes, 1991. p. 19.

¹⁴⁵ BERRY, 1991, p. 23.

¹⁴⁶ BERRY, 1991, p. 23.

¹⁴⁷ BERRY, 1991, p. 24.

¹⁴⁸ BERRY, 1991, p. 24.

¹⁴⁹ BERRY, 1991, p. 24.

¹⁵⁰ BERRY, 1991, p. 24.

¹⁵¹ BERRY, 1991, p. 24.

¹⁵² BERRY, 1991, p. 133.

¹⁵³ LOVELOCK, James. **A vingança de gaia**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2006. p. 15.

¹⁵⁴ LOVELOCK, 2006, p. 15.

Para Lovelock, somente “quando pensamos em nosso lar planetário como se estivesse vivo conseguimos ver, talvez pela primeira vez, porque a lavoura arranha o tecido vivo de sua pele e porque a poluição é venenosa para ele, tanto quanto para nós.”¹⁵⁵ Ele continua dizendo “a reação da Terra viva às nossas ações dependerá apenas do grau de nosso cultivo do solo e das poluições, mas também de seu estado de saúde atual.”¹⁵⁶ Se não tomarmos uma atitude diferente no tratar a Terra, “ela sem dúvida cuidará de si, fazendo com que não sejamos mais bem-vindos. Aqueles com fé devem reavaliar nosso lar terreno e vê-lo como um lugar sagrado, parte da criação divina, mas algo que temos profanado.”¹⁵⁷

Como seres humanos, temos uma conexão total com todos os seres vivos e “fazemos parte da entidade bem maior e mais diversa, a Terra viva.”¹⁵⁸ No entanto, a Terra está superpovoada “de indivíduos famintos e vorazes, todos aspirando a um estilo de vida de Primeiro Mundo, nosso modo de vida urbano avança sobre o domínio da Terra viva.”¹⁵⁹ Mas, também, “consumimos tanto que ela já não consegue sustentar o mundo familiar e confortável a que nos habituamos.”¹⁶⁰

Segundo Lovelock, há que se olhar para a Terra

[...] como um sistema completo de partes animadas e inanimadas. O crescimento vertiginoso dos seres vivos possibilitado pela luz solar fortalece Gaia, mas essa força caótica e selvagem é contida por limitações que moldam a entidade que autorregula a favor da vida¹⁶¹.

O futuro do planeta e nosso futuro como humanidade depende do que fazemos no presente, o que não é muito alentador, mas temos que ter fé que se transforme em ações de amor para nossa Terra. Parafraseando Lovelock, temos que olhar para ela como um ser vivo, que dá e mantém a vida, pois, assim, estaremos motivados e motivadas a agir com responsabilidade, com equidade e com uma perspectiva de sustentabilidade fundamentada no ecofeminismo.

Portanto, é urgente reorganizar a situação da humanidade e enfocarmos na raiz dos problemas, principalmente naqueles que têm a ver com os valores fundamentais que orientam e dão sentido a nossa vida. Com isto, dar um rumo satisfatório para a construção de uma nova história, carregada de cuidado, amor, justiça, equidade, harmonia, solidariedade,

¹⁵⁵ LOVELOCK, 2006, p. 16.

¹⁵⁶ LOVELOCK, 2006, p. 16.

¹⁵⁷ LOVELOCK, 2006, p. 16.

¹⁵⁸ LOVELOCK, 2006, p. 17.

¹⁵⁹ LOVELOCK, 2006, p. 20.

¹⁶⁰ LOVELOCK, 2006, p. 20.

¹⁶¹ LOVELOCK, 2006, p. 27-28.

compromisso, respeito, empatia, uma história que reedifique, cure e oriente para esse novo sentido em nossas vidas.¹⁶²

3.2 CONSTRUINDO UMA NOVA HISTÓRIA DE CUIDADO E AMOR COM A TERRA VIVA

Ao longo da história a Terra sofreu danos constantes por disputas humanas e tem gerado guerras e Albert Einstein, ao referir-se à guerra, afirma: “a guerra é a coisa mais desprezível que existe [...] preferiria deixar-me assassinar a participar desta ignomínia.”¹⁶³ Apesar disso, ele acredita na humanidade, mas o adequado discernimento da humanidade “é sistematicamente corrompido. E os culpados são: escola, imprensa, mundo dos negócios, mundo político.”¹⁶⁴

Para conseguir a sustentabilidade da Terra, precisaríamos mudar a forma de agir da humanidade e suas instituições para que carreguem um sentido profundo de amor, de compromisso, de responsabilidade, de autocuidado, cuidado e proteção. As instituições encarregadas de fazer essa tarefa devem mudar os esquemas do individualismo, dualismos e egoísmos. Por isso, precisamos de novas cosmovisões.

Fe Cortez nos apresenta a “Cosmovisão do Feminino para a Regeneração.”¹⁶⁵ Ela também denomina na sua construção como “uma metacosmovisão, ou seja, ancorada nos valores femininos.”¹⁶⁶ Esta “é uma maneira subjetiva de ver o mundo baseada em princípios femininos neste momento de regeneração e evolução do planeta e de todos os seres.”¹⁶⁷

Um das primeiras mudanças desta proposta de Cortez “é reposicionar Homo e Gaia. Na Cosmovisão do Feminino para a Regeneração, Gaia está no centro; tudo acontece a partir dela, porque é a partir dela que existe a vida.”¹⁶⁸ Segundo Cortez, “Gaia ou Terra, esse megaorganismo vivo, é o que mantém a teia da vida em funcionamento. Portanto, é Gaia que deve estar no centro dessa cosmovisão.”¹⁶⁹ Porém, ela está entre o homem e a mulher – o equilíbrio perfeito – e ao redor estão seis princípios: Integralidade, espiritualidade, cuidado, intuição, colaboração e amor incondicional. Cada princípio contém uma grande força e uma

¹⁶² BERRY, 1991, p. 133.

¹⁶³ EINSTEIN, Albert. **Como vejo o mundo**. 9. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981. p. 12.

¹⁶⁴ EINSTEIN, 1981, p. 12.

¹⁶⁵ CORTEZ, Fe. **Homo Integralis**: uma nova história possível para a humanidade. São Paulo: LeYa Brasil, 2021. p. 327.

¹⁶⁶ CORTEZ, 2021, p. 325.

¹⁶⁷ CORTEZ, 2021, p. 327.

¹⁶⁸ CORTEZ, 2021, p. 327.

¹⁶⁹ CORTEZ, 2021. p. 333.

energia precisa para construir e nutrir a cosmovisão. Também tem o objetivo de resgatar as potências atrofiadas pelo patriarcado¹⁷⁰.

O modelo apresentado por Fe Cortez, faz-nos levantar a seguinte pergunta: só se tem a cosmovisão do feminino? Já que esta cosmovisão colocada dessa forma, leva-nos novamente ao binário e a dualismo imperante na nossa sociedade, que não tem dado conta da diversidade.

Terra “é um ser vivo, um ente vivo com identidade própria, o único de sua espécie que conhecemos.”¹⁷¹ E um ser tão maravilhoso e cheio de vida como a Terra tem seu próprio nome: “Gaia, é o nome que os antigos gregos, em sua cosmovisão bem mais holística que a nossa, davam à deusa Terra.”¹⁷²

Para Lutzenberger, a Terra é o “palco para a Vida, e a Vida, para nós humanos, não passa de recursos.”¹⁷³ Neste sentido, Gaia é tudo e todos e todas somos Gaia¹⁷⁴. “No organismo de Gaia nós, humanos, individualmente, somos apenas célula de um de seus tecidos. Um tecido que hoje se apresenta canceroso, mas que, oxalá, ainda tenha cura.”¹⁷⁵

Precisamos fazer algo para resgatar a nossa Terra, cuidar com amor de tudo que está ao nosso redor. Isso passa por recuperar a empatia com a outra e com o outro, superando as diferenças e focando no cuidado, no amor do qual depende a nossa vida, a vida de todos os seres vivos e a continuidade da humanidade num lugar sadio. Cuidado, no sentido de proteger, cuidar, mas também no sentido de que estamos em perigo, em ameaça e risco iminentes.

Leonardo Boff nos diz que “o mundo virtual criou novo habitat para o ser humano, caracterizado pelo encapsulamento sobre si mesmo e pela falta do toque, do tato e do contato humano”¹⁷⁶ e isso tem afetado “a vida humana naquilo que ela possui de mais fundamental: o cuidado e a compaixão.”¹⁷⁷ No cuidado, está a ação fundamental do ser humano, já que é o suporte de tudo o que pode fazer na sua vida criativa, na sua liberdade e na sua capacidade intelectual. Isso significa que, no cuidado, identificam-se todos os valores, princípios e atitudes que fazem com que a humanidade possa ter um bem-viver e, em espacial, um bom agir na vida e na sociedade, refletindo essas ações de cuidado também para com a Terra¹⁷⁸.

¹⁷⁰ CORTEZ, 2021, p. 333-347.

¹⁷¹ LUTZENBERGER, José. **Gaia**: o planeta vivo. Porto Alegre: L&PM, 1990. p. 101.

¹⁷² LUTZENBERGER, 1990, p. 101.

¹⁷³ LUTZENBERGER, 1990, p. 101.

¹⁷⁴ LUTZENBERGER, 1990, p. 101-102.

¹⁷⁵ LUTZENBERGER, 1990, p. 102.

¹⁷⁶ BOFF, 2012, p. 11.

¹⁷⁷ BOFF, 2012, p. 11.

¹⁷⁸ BOFF, 2012, p. 12.

Por isso, “alimentamos a profunda convicção de que o cuidado, pelo fato de ser essencial, não pode ser suprimido nem descartado. Ele se vinga e irrompe sempre em algumas brechas da vida.”¹⁷⁹ Ao praticar autocuidado e cuidado, realiza-se uma crítica a nossa sociedade agonizante. Além disso, estamos construindo novas ressignificações para eliminar os paradigmas estabelecidos por ideias contrárias a salvação da humanidade e Terra¹⁸⁰.

Se estamos falando do cuidado é porque o descuido impera na sociedade. Há descuido quando se rouba a infância e o sonho de centenas de milhares de crianças no mundo todo. Há descuido com pessoas menos favorecidas na sociedade, pessoas empobrecidas, desempregadas, estigmatizadas, marginalizadas e invisibilizadas. Isto se agrava pela ideologia do individualismo do neoliberalismo, depreciando a união, a solidariedade, a compaixão, o amor e a dignidade para todos e todas¹⁸¹. Segundo Ivoni Richter Reimer. “O acesso à terra boa e a felicidade que nela quer ser construída pressupõem uma espiritualidade do cuidado, que deve estar presente tanto na vivência pessoal quanto na elaboração de políticas agrárias, fundiárias e político-sociais.”¹⁸²

Queremos colocar a fábula do Cuidado

Certo dia, ao atravessar um rio, Cuidado viu um pedaço de barro. Logo teve uma ideia inspirada. Tomou um pouco de barro e começou a dar-lhe forma. Enquanto contemplava o que havia feito, apareceu Júpiter. Cuidado pediu-lhe que soprasse espírito nele. O que Júpiter fez de bom grado. Quando, porém, Cuidado quis dar nome à criatura que havia moldado, Júpiter o proibiu. Exigiu que fosse imposto o seu nome. Enquanto Júpiter e o Cuidado discutiam, surgiu, de repente a Terra. Quis também ela conferir o seu nome à criatura, pois fora feita de barro, material do corpo da Terra. Originou-se então uma discussão generalizada. De comum acordo pediram a Saturno que funcionasse como árbitro. Este tomou a seguinte decisão que pareceu justa: Você, Júpiter, deu-lhe o espírito; receberá, pois de volta este espírito por ocasião da morte dessa criatura. Você, Terra, deu-lhe o corpo; receberá, portanto, também de volta o seu corpo quando essa criatura morrer. Mas com você, Cuidado, foi quem, por primeiro, moldou a criatura, ficará sob seus cuidados enquanto ela viver. E uma vez que entre vocês há acalorada discussão acerca de nome, decido eu: esta criatura será chamada Homem, isto é, feita de húmus, que significa terra fértil.¹⁸³

A fábula, ou mito, adentra ao imaginário e à sublime responsabilidade de cuidado com húmus, terra fértil, homem e mulher parte da Terra fecunda. Por isso, o cuidado é fundamental nas nossas relações e na relação com a Terra. Cuidado é um tema “fascinante,

¹⁷⁹ BOFF, 2012, p. 13.

¹⁸⁰ BOFF, 2012, p. 14.

¹⁸¹ BOFF, 2012, p. 18-19.

¹⁸² REIMER, 2010, p. 29.

¹⁸³ BOFF, 2012, p. 51-52. foi extraída do livro “Ser e Tempo” de Martin Heidegger.

pois trata de questões que dizem respeito à própria condição humana”¹⁸⁴, pois é “o princípio mais básico da vida e identidade humanas”¹⁸⁵. Para tornarmos humanos, temos que cuidar da outra e do outro¹⁸⁶ e isto implica na corresponsabilidade de cuidar da Terra com amor.

O amor é fundamental em nossas relações e nas relações com os seres vivos em nossa Terra. O amor é fundamental também em todas as nossas ações. Søren Kierkegaard nos fala das obras do amor desde uma perspectiva cristã em forma de discursos¹⁸⁷. Porém, o amor é um sentimento que transcende qualquer religião ou vivência espiritual. Kierkegaard nos apresenta uma oração, com ela uma oportunidade de rogar pela outra e pelo outro sem esquecer as suas necessidades.

Como se poderia falar corretamente do amor, se Tu fosses esquecido, ó Deus do Amor, de quem provém todo o amor no céu e na terra; Tu, que nadas poupastes, mas tudo entregaste em amor; Tu que és amor, de modo que o que ama só é aquilo que é por permanecer em Ti! Como se poderia falar corretamente, se Tu fosses esquecido, Tu que revelastes o que é amor; Tu, nosso salvador e reconciliador, que deste a Ti mesmo para libertar a todos! Como se poderia falar corretamente do amor, se Tu fosses esquecido, Espírito de Amor, que não reclusas nada do que é próprio Teu, mas recordas aquele sacrifício do Amor, recordas ao crente que deve amar como ele é amado, e amar ao próximo como a si mesmo! Ó, Amor Eterno, Tu que estás presente em toda parte e nunca deixas se testemunho quando Te invocam, não deixas sem testemunho aquilo que aqui deve ser dito sobre o amor, ou sobre as obras do amor. Pois decerto há poucas obras que a linguagem humana, específica e mesquinamente, denomina obras de amor; mas no Céu é diferente, aí nenhuma obra pode agradar se não for uma obra de amor; sincera na abnegação, uma necessidade do amor, e justamente por isso sem a pretensão de ser meritória!¹⁸⁸

O amor é eterno e, para nossas ações serem eternas, é necessário agir com amor imediatamente e desde a perspectiva categórica. Para o amor, o ser humano tem um lugar oculto, e esse lugar é o coração¹⁸⁹, já que o que proferimos de dentro para fora é o que abunda em nosso coração (Marcos 7.14,23). Portanto, temos que encher de amor nossos corações para que cada ação seja uma ação do amor que se reflete no cuidado da outra, do outro e da nossa Terra. Precisam ser ações de cuidado, respeito, e exigindo, também, políticas públicas e leis para que a Terra seja mais protegida e menos agredida.

Temos falado do cuidado repetidamente, mas amor e cuidado iniciam com o autoamor e o autocuidado, como nos exorta o texto bíblico: “Amarás o teu próximo como a ti

¹⁸⁴ OLIVEIRA, Roseli M. Kühnrich de; NOÉ, Sidnei Vilmar. Cuidando de cuidadores: Um olhar sobre profissionais de ajuda a partir do conceito de cuidado integral. In: NOÉ, Sidnei Vilmar (org.). **Espiritualidade e Saúde: Da cura d'almas ao cuidado integral**. São Leopoldo: Sinodal, 2004. p. 79-98. p. 79.

¹⁸⁵ OLIVEIRA; NOÉ, 2004, p. 79.

¹⁸⁶ OLIVEIRA; NOÉ, 2004, p. 79.

¹⁸⁷ KIERKEGAARD, Søren. **As obras do amor**: algumas considerações cristãs em forma de discursos. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2005. p. 17.

¹⁸⁸ KIERKEGAARD, 2005, p. 18.

¹⁸⁹ KIERKEGAARD, 2005, p. 23.

mesmo” (Mateus 22.39). Essa citação expressa que todo ser humano deve se amar e se cuidar, o que nos levaria a crer que é uma ação egoísta, cheia de prepotência e arrogância¹⁹⁰. O mandamento arranca o egoísmo arrebatando a humanidade. Se há o amor apresentado no mandamento em sua simples formulação e tão simples de cumprir¹⁹¹: “como a ti mesmo”, não podemos “dominar também o amor de si”¹⁹².

Temos no mesmo texto bíblico: amarás a teu próximo, próxima. Isso implica que, com a mesma força que nós nos amamos e cuidamos, também deve ser com aquele e aquela mais próximo, mais próxima. Nesse caso, ensina-nos a amar a todo o gênero humano, inclusive ao inimigo e a inimiga, “e não fazer exceção, nem predileção e nem a da aversão.”¹⁹³ A humanidade e a Terra são a próxima ou próximo que precisam de nosso amor e cuidado, pelo maltrato recebido por muitas décadas.

Só por meio do amor e do cuidado é que se pode saber que o próximo a próxima existem em cada um e cada uma. Se amar não fosse uma obrigação, não haveria sentido no conceito de próximo, próxima¹⁹⁴, “mas só se extirpa o egoísmo da predileção e só se preserva a igualdade do eterno quando se ama o próximo”¹⁹⁵ e a próxima.

Em 1Coríntios 13.1-13, é descrita a profundidade do amor e que tudo que se faz precisa ser com amor, senão nada o que fizermos terá sentido. Não é fácil deixar de lado nossos individualismos, egoísmos, orgulhos, consumismos, falta de bom senso, falta de empatia. Nestes casos, quando se fala de amar, não há neutralidade.

Muitos problemas que estamos enfrentando como humanidade em sociedade e os problemas que enfrentamos na natureza, na ordem social, derivam das injustiças, violências, desamor, tanto individualmente quanto socialmente. Com a natureza, também temos a injustiça, desamor. Em ambos os casos, a vida está em risco. “A vida é o ser de fato e o amor é o poder propulsor da vida.”¹⁹⁶ Individualismo, indiferença e desunião são evidentes por todas as coisas que se vivem, mas, com o amor, une-se o que estava separado e leva a conexão com a outra e outro e em especial com a Terra¹⁹⁷. É aí onde “o amor manifesta seu

¹⁹⁰ KIERKEGAARD, 2005, p. 32.

¹⁹¹ KIERKEGAARD, 2005, p. 32.

¹⁹² KIERKEGAARD, 2005, p. 33.

¹⁹³ KIERKEGAARD, 2005, p. 35.

¹⁹⁴ KIERKEGAARD, 2005, p. 63.

¹⁹⁵ KIERKEGAARD, 2005, p. 63.

¹⁹⁶ TILLICH, 2004, p. 36.

¹⁹⁷ TILLICH, 2004, p. 36.

grandioso poder”¹⁹⁸, quando se supera a separação e se forma uma união em sua plenitude¹⁹⁹.

Continua dizendo Tillich:

O amor junta aquele que é egoísta e individual a um processo concluído, mas a vida tem amor em si mesma como um de seus elementos constitutivos. Ela é o cumprimento e triunfo do amor que está apto a reunir os seres mais radicalmente separados, isto é, pessoas individuais. A pessoa individual é ambos: o mais separado e o portador do mais poderoso amor.²⁰⁰

Tillich também bebe da fonte de Søren Kierkegaard para realizar suas colocações sobre o amor. Um amor que se manifestou na criação, na salvação, na reconciliação do início até o fim. Portanto, “a ontologia do amor leva à declaração básica de que o amor é único.”²⁰¹ Também não se pode negar que a justiça é parte fundamental no amor, “posto que o elemento criativo na justiça é o amor”²⁰² e, desta forma, “o amor não contradiz a justiça.”²⁰³

A questão de justiça e amor nas relações pessoais pode adequadamente ser descrita pelas três funções de justiça criativa, isto é, ouvindo, dando, perdando. Em nenhuma delas, o amor faz mais do que a justiça exige, mas em cada uma delas o amor reconhece o que a justiça exige.²⁰⁴

Nesse sentido, uma tarefa fundamental do amor é ouvir o grito de desespero da humanidade e da Terra. E este é o primeiro passo para a atenção mútua e a aplicação da justiça, cuidado e o que é necessário nas relações entre as pessoas e a natureza. Depois de ouvir, vem o direito à vida, ao cuidado e o reconhecimento como pessoas²⁰⁵.

A última ação criativa é perdoar, já que “sem reconciliação não há reunião”²⁰⁶. Nesse sentido, o amor perdoador dá a possibilidade da reivindicação do pertencer de novo e da aceitação. Porém, a partir da perspectiva da justiça, é inaceitável a declaração de que essa ação é justa ou que, para ser declarada justa, seja pela reunião por meio da reconciliação²⁰⁷.

Implementando estas ações de cuidado e amor, intenta-se criar vínculos sólidos para poder realizar em conjunto, como humanidade, todas aquelas coisas que garantem a continuidade ao ciclo da vida das novas gerações, por meio de uma Terra sadia capaz de auto equilibrar-se. Com esse equilíbrio, perpetuaríamos um legado realizado neste presente, que é um presente para humanidade e o universo.

¹⁹⁸ TILLICH, 2004, p. 36.

¹⁹⁹ TILLICH, 2004, p. 36.

²⁰⁰ TILLICH, 2004, p. 37.

²⁰¹ TILLICH, 2004, p. 38.

²⁰² TILLICH, 2004, p. 79.

²⁰³ TILLICH, 2004, p. 79.

²⁰⁴ TILLICH, 2004, p. 79.

²⁰⁵ TILLICH, 2004, p. 80.

²⁰⁶ TILLICH, 2004, p. 81.

²⁰⁷ TILLICH, 2004, p. 81.

3.3 A DESTRUIÇÃO É EVITÁVEL

Cada um e cada uma tem o sonho de uma história melhor e de um mundo melhor. Por isso, não podemos concordar com o ditado de que temos que “viver cada dia como se fosse o último de nossa vida”. Este dito está carregado com essa ideia do neoliberalismo que nos leva ao consumismo desenfreado de coisas desnecessárias que tornam a nossa vida miserável e sem perspectiva de um amanhã melhor.

Por isso, retoma-se esta frase de Martim Lutero: “Se o mundo amanhã se consumisse, eu ainda hoje plantaria a minha macieira e pagaria as minhas dívidas.”²⁰⁸ Este pensamento requer compromisso, empatia, responsabilidade sustentável, cuidado, amor e uma ação de fazer algo. No entanto, o panorama é desalentador, já que é necessário evitar a destruição causada à Terra, ser vivo que sustenta a vida.

Segundo James Lovelock, a vida na Terra “começou a 3 ou 4 bilhões de anos.”²⁰⁹ E a partir daí, ela tem regulado e equilibrado sua temperatura e a vida que existe nela. Cada uma e cada um tem contribuído para que a Terra fique mais quente, mas também a temperatura do Sol tem aumentado e é um ciclo normal de sua evolução²¹⁰.

A Terra sempre faz a sua tarefa, é urgente a nossa tarefa de contribuir para o equilíbrio da vida. Já que uma “Terra quente é uma Terra enfraquecida.”²¹¹ Como humanidade, “precisamos acima de tudo renovar aquele amor e empatia pela natureza que perdemos”²¹² com a modernização, neoliberalismo e neocapitalismo, que tirou de cada um e cada uma a vida do campo e nos inseriu na vida urbana das grandes metrópoles.

Para Lovelock, se “quisermos alcançar uma sociedade humana em harmonia com a natureza, devemos nos guiar por um maior respeito por ela.”²¹³ Precisamos assumir a nossa responsabilidade por meio da promessa: “não faça nada que venha a prejudicar a Terra.”²¹⁴

Lovelock afirma que há, ainda, outros dois aspectos que ajudariam a evitar a destruição da Terra. O primeiro é rever as fontes de energias que utilizamos e discernir qual seria a melhor opção. O autor apresenta várias fontes de energias não renováveis combustíveis fósseis como carvão, petróleo, gás natural, hidrogênio. O autor também apresenta fontes renováveis: energia eólica, energia das ondas e marés, hidroeletricidade, biocombustíveis,

²⁰⁸ SARLET, Erica Dorotéa. **Ainda hoje plantaria minha macieira...:** 160 anos Escola Pindorama. São Leopoldo: Sinodal, 1993. p. 11.

²⁰⁹ LOVELOCK, 2006, p. 47.

²¹⁰ LOVELOCK, 2006, p. 52.

²¹¹ LOVELOCK, 2006, p. 69.

²¹² LOVELOCK, 2006, p. 21.

²¹³ LOVELOCK, 2006, p. 13.

²¹⁴ LOVELOCK, 2006, p. 127.

energia solar, energia nuclear de fusão e de fissão. Esta última é pela qual se decide²¹⁵. Cada uma dessas fontes tem seus prós e contras. Essa não é uma discussão unânime, mas nos convoca a pesquisar e agir para diminuir o impacto ambiental de nossas fontes de energia. Da mesma forma é preciso passar na alimentação, produção agrícola e industrial.

Também Ivoni Richter Reimer aconselha que:

É preciso apoiar novas tecnologias que respeitem, cuidem e preservem o ambiente, usufruído ao máximo das fontes naturais para geração de energia e de renda dentro de propostas ecológico-ambientais e sociopolíticas da sustentabilidade com qualidade de vida para todos os seres. É preciso, enfim, colocar-se a caminho e a serviço na construção continuada e autocrítica de paradigmas e saberes em perspectiva holística, não dualista e de libertação, de reciprocidade solidariedade contra todos sistemas que viabilizam e sustentam processos de violência, exploração e destruição.²¹⁶

Já que “[A] empresa moderna, industrial, financeira ou comercial pode ser vista como a quarta destrutiva expressão do patriarcado”²¹⁷, mas o discurso destas instituições modernas projeta o inverso, “uma imagem de fonte primária de todas as bênçãos que constituem o conforto e o bem-estar generalizado.”²¹⁸ Além disso, elas têm meios para promover ideias nocivas ao planeta “o progresso é nosso produto principal, viva melhor com a química! Voem pelos céus amigos! Ou ainda aqui pulsa o coração da América.”²¹⁹

O grupo das empresas, indústrias e financeiras modernas “transforma toda a sociedade para adaptar-se a suas modalidades básicas de funcionamento.”²²⁰ Com estas modificações, elas dão “emprego! Trabalhando se ganha dinheiro, e com o dinheiro pode comprar tudo. Ninguém mais planta o que vai comer; compra comida”²²¹ e isto leva a humanidade a não ter o “ciclo sempre-renovável dos processos naturais.”²²² Também nos obriga a obedecer ao “ritmo da produção industrial e do consumo.”²²³ Por isso, a ecoagricultura familiar é fundamental, assim como ecobairros, ecoprédios, ecocidades de uma perspectiva ecofeminista e sustentável. Ao cultivar sem agressão e contaminação, mas com amor e cuidado à nossa Terra, afiançaremos uma melhor história para gerações futuras.

²¹⁵ LOVELOCK, 2006, p. 71-104.

²¹⁶ REIMER, 2010, p. 35.

²¹⁷ BERRY, 1991, p. 162.

²¹⁸ BERRY, 1991, p. 162.

²¹⁹ BERRY, 1991, p. 162.

²²⁰ BERRY, 1991, p. 162.

²²¹ BERRY, 1991, p. 162.

²²² BERRY, 1991, p. 162.

²²³ BERRY, 1991, p. 162.

Outro aspecto que temos que implementar para deter a destruição é praticar a sustentabilidade. Isto nos leva a verificar que “antes de tudo, é a enorme capacidade de adaptação e de transformação que a Terra viva possui.”²²⁴ Segundo Leonardo Boff a Terra

está sofrendo um ataque generalizado contra seus ecossistemas, contra seus bens e serviços. É a razão primeira para relacionarmos o planeta com a noção de sustentabilidade. Implementar a sustentabilidade nos cinco componentes principais que a compõem: a geosfera, na hidrosfera, na atmosfera, na biosfera e na antroposfera ou noosfera.²²⁵

A estas ações de sustentabilidade para regredir a destruição da Terra, Leonardo Boff “denomina de as frentes da sustentabilidade para a Terra”²²⁶. Por nossa ação sustentável, “na frente da geosfera precisamos garantir a continuidade dos elementos geológicos que garantem sua configuração e paisagens.”²²⁷ Ela foi alterada pela “intervenção humana, mudando assim a estrutura química do planeta e também as estruturas geológicas que se formaram ao longo de bilhões de anos.”²²⁸ A ação humana prejudicou a salinização dos oceanos e diminuiu corais e plâncton, “que, junto com as florestas, é fundamental para a oxigenação de todo planeta.”²²⁹

A sustentabilidade da hidrosfera passa pelo desenvolvimento de um sentimento de mútua pertença e responsabilidade universal²³⁰. Para isso, pergunta-se: “A água é fonte de vida ou fonte de lucro? [...] É um bem natural, vital e insubstituível ou um bem econômico e uma mercadoria?”²³¹ Segundo Boff: “Evidentemente ela é um bem natural insubstituível, sem o qual a vida não resiste.”²³² Aplicar a sustentabilidade no líquido vital como a água “é usá-la e responsabilmente reusá-la e manter sua pureza contra a contaminação de agrotóxicos. É necessário impedir, por todos os meios, que a água seja levada aos mercados como *commodity*, pois se ela é vida [...]”²³³ deveria ser proibida a sua comercialização como mercadoria²³⁴. Aqui está a importância das leis claras para aplicar a justiça.

Segundo Ivoni Richter Reimer:

O acesso à água boa é uma necessidade que se torna ameaça à vida no momento em que esse acesso é controlado por senhores e sistemas globais que transformam a água que é fonte da vida em fonte de lucro, dominação e futuro motivo para guerras. Está ameaça conclama pessoas, movimentos e governos a se preocuparem e se

²²⁴ BOFF, Leonardo. **Sustentabilidade**: o que é - o que não é. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016. p. 125.

²²⁵ BOFF, 2016, p. 126.

²²⁶ BOFF, 2016, p. 126.

²²⁷ BOFF, 2016, p. 126.

²²⁸ BOFF, 2016, p. 126.

²²⁹ BOFF, 2016, p. 126.

²³⁰ BOFF, 2016, p. 126.

²³¹ BOFF, 2016, p. 127.

²³² BOFF, 2016, p. 127.

²³³ BOFF, 2016, p. 128.

²³⁴ BOFF, 2016, p. 128.

ocuparem com a preservação imediata e eficiente dos mananciais e lençóis freáticos em seu meio ambiente, em nível local, regional, nacional e global.²³⁵

Nancy Cardoso Pereira afirma: “a água mercantilizada não tem mais tempo para se recuperar, e funciona superintensivamente em instantâneos de irrigação eliminando nascentes, córregos e rios.”²³⁶ Esta ação desmedida acaba com a vida nos córregos e rios e afeta também a atmosfera.

Segundo Leonardo Boff ter um processo sadio para a sustentabilidade da atmosfera

[...] implica evitar todo tipo de queimada, lentamente substituir a energia fóssil petróleo e gás por energia limpa: eólica, solar, geofísica, das marés e da biomassa, controlar a emissão de gases tóxicos que a envenenam e reciclar os dejetos industriais ou anular seu caráter tóxico. As gerações futuras têm direito de herdar um ar respirável e uma atmosfera que garanta as paisagens e a biodiversidade.²³⁷

Como humanidade, temos que aumentar a nossa responsabilidade em todas as áreas da vida e as áreas que sustentam a vida, pois disso depende a nossa existência e a das futuras gerações. A Terra poderá viver sem a nossa presença, pois se autorregenera dando vida a outros seres que ajudam a sustentar a vida. Ainda há tempo para mudar a nossa história e a história da Terra, afastando o perigo de destruição, cuidando com amor o que está em toda a humanidade. Segundo Ivoni Richter Reimer,

[...] a vida e a ameaça à vida nos fazem refletir sobre nossa história, nossa *práxis* nas academias, igrejas, pastorais, nos movimentos, grupos políticos, em espaços democráticos. Também nos convidam a refletir sobre nossas origens, sobre a interdependência entre os elos de toda a criação, sobre o sentido da vida ou a necessidade de sua ressignificação.²³⁸

A autora também nos diz que “[...] a reflexão teológica se evidencia como uma dimensão vital questionadora de relações que se baseiam em dominação e violência e como uma postura que reivindica e sustenta relações na construção de paz que brota da justiça.”²³⁹

Nesta terceira parte se analisa se a Terra é um ser vivo e que se tem a capacidade de sustentar a vida, mas que também é possível construir uma nova história de cuidado. Verificou-se que sim, é possível construir uma nova história de amor com a terra e a humanidade e isto possibilita evitar a destruição da humanidade e da Terra. Depois dessas análises passa-se a analisar a doutrina da Trindade, as trindades arquitetadas desde uma

²³⁵ REIMER, 2010, p. 29.

²³⁶ PEREIRA, 2016. P. 39.

²³⁷ BOFF, 2016, p. 129.

²³⁸ REIMER, 2010, p. 35.

²³⁹ REIMER, 2010, p. 36

perspectiva psicológica e social e por meio desse análises chegar a EcoTrindade que é o objetivo principal desta pesquisa.

4 DOCTRINA DA TRINDADE E A ECOTRINDADE

Neste terceiro capítulo, trabalharemos a doutrina da Trindade, as trindades arquitetadas e a metáfora da EcoTrindade. Teremos foco no significado da Trindade, parte da sua história e a forma como as pessoas nominam a Deus, de acordo com as suas experiências, pelas orientações que têm recebido na sua educação Bíblico-Teológica. Apresentaremos brevemente a doutrina da Trindade, as Trindades Arquitetadas e, por fim, uma EcoTrindade como uma metáfora relacional que trará os elementos apresentados nos capítulos anteriores numa visão de unidade, diversidade e complementaridade, desde a perspectiva do ecofeminismo.

4.1 A DOCTRINA DA TRINDADE

A Terra tem a sua história, a humanidade também, igualmente a doutrina da Trindade a tem²⁴⁰. É o que abordaremos, em poucas palavras, para compreender os aspectos fundamentais da sua formulação como resposta às interpretações naquele contexto histórico.

Segundo Lorenzen, a doutrina da Trindade nasce da necessidade da Igreja cristã de explicar a relação de Jesus enquanto Cristo com Deus, pois os primeiros cristãos dividiam espaço com judeus cuja ligação com a ideia de um só Deus era muito forte. Devido a isso, surgiu a dificuldade de compreender a relação de Deus e a vivência que tinha com Jesus Cristo e, mesmo assim, manter a sua fé em um Deus único. Isso levou a procura exaustiva nas escrituras. O termo Trindade não aparece na bíblia, mas há textos que orientaram o desenvolvimento dessa concepção²⁴¹.

Ainda segundo Lorenzen, nas cartas de Paulo, há saudações que fazem referência a Deus e a Jesus Cristo, mas não possuem caráter trinitário. Essas cartas são os documentos mais antigos do Novo Testamento. Em Romanos 1.7, temos “graça e paz da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo”. A mesma saudação se encontra em outras cartas de Paulo como 1 e 2 Coríntios, Gálatas, Filipenses, Filêmon e em cartas atribuídas a ele, 1 e 2 Timóteo e Tito²⁴².

²⁴⁰ Para ter um panorama geral da história da doutrina da trindade veja: ALBERIGO, Giuseppe. **História dos concílios ecumênicos**. São Paulo: Paulus, 1995. BRAKEMEIER, Gottfried. **Tópicos dogmáticos: noções básicas da fé cristã**. Nova Petrópolis: s.n.], 2006. BELLITTO, Christopher M. **História dos 21 concílios da Igreja: de Niceia ao Vaticano II**. São Paulo: Loyola, 2010.

²⁴¹ LORENZEN, Lynne Faber. **Introdução à trindade**. São Paulo: Paulus, 2002. p. 13.

²⁴² LORENZEN, 2002, p. 13.

Para a autora, há referências nos evangelhos. A primeira está em Mc 13.32: “Daquele dia e da hora, ninguém sabe, nem os anjos no céu, nem o Filho, somente o Pai”. Igualmente está em Mateus, Lucas e Atos dos Apóstolos. A referência mais clara de Trindade é Mt 28.19: “Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo e ensinando-as a observar tudo quanto vos ordenei.”²⁴³

Segundo Lorenzen, o evangelho de João faz referência a Deus como Pai e a Jesus como Filho, mas repete mais o Espírito. Ele observa que o Espírito procede do Pai (15.26)²⁴⁴ e que “o Filho é enviado pelo Pai (17.3,8,18,21,23,25)”²⁴⁵ e que “o Espírito é enviado por Jesus ao mundo (15.26-27)”²⁴⁶. Outro aspecto que se evidencia é a intimidade “entre o Pai, o Filho e os crentes, especialmente em 17.21-22.”²⁴⁷ O trecho é “Como tu, Pai, estás em mim e eu em ti, que eles estejam em nós, para que sejam perfeitos na unidade.”²⁴⁸

Para o autor, na “tradição cristã, esse viver um no outro, quando atribuído à Trindade, será expresso pela palavra grega *perichoresis*. Embora o evangelho de João seja o mais recente, a afirmação explícita em Mt 28.19 ocorre essa única vez.”²⁴⁹ Os textos mencionados foram referência teológica para desenvolver ou analisar a doutrina da Trindade²⁵⁰.

Segundo Lorenzen, paralelamente às Escrituras, recorreu-se à filosofia que estava em voga na sua época, para formular a Trindade. O pensamento de Platão influenciou as argumentações. Suas ideias estruturam o mundo em dois planos. O primeiro é o plano superior, no qual se abrigam as ideias. Não se tem acesso a esse plano, mas seus elementos são encontrados num evento específico e concreto. Por isso, quando se fala de Deus, se fala no plano superior, portanto, incognoscível²⁵¹.

O lugar onde se encontra Deus no nosso mundo é na criação e, para que se concretize, Deus tem que descer ao mundo para relacionar-se com a humanidade. Para que a salvação tenha efeito, Jesus teria que incorporar ambos os planos. Em outras palavras, a divindade teria que entrar na humanidade. Nesse sentido, seria Deus e humano ao mesmo tempo. Verdadeiramente, isto é denominado encarnação²⁵².

²⁴³ LORENZEN, 2002, p. 13-14.

²⁴⁴ LORENZEN, 2002, p. 14.

²⁴⁵ LORENZEN, 2002, p. 14.

²⁴⁶ LORENZEN, 2002, p. 14.

²⁴⁷ LORENZEN, 2002, p. 14.

²⁴⁸ LORENZEN, 2002, p. 14.

²⁴⁹ LORENZEN, 2002, p. 14.

²⁵⁰ LORENZEN, 2002, p. 14.

²⁵¹ LORENZEN, 2002, p. 14.

²⁵² LORENZEN, 2002, p. 15.

A diferença entre os planos é que um é infinito e o outro é finito e num momento chega a seu fim. O “mundo real” seria o plano inferior que perece. Para que isto tenha sentido, deve-se participar do plano superior para alcançar a imortalidade, pois criação e morte estão no plano inferior. Essa forma filosófica de arquitetar era fundamental para as pessoas cristã.

No Novo Testamento, revela-se, reconhece-se e se proclama o Cristo de Deus, que é o próprio Deus revelado. Os caminhos pelos quais é revelado não são fáceis, mas é uma confecção da fé. Somente por Jesus é que o ser humano tem a oportunidade de chegar ao Deus de Jesus ou qual Jesus denomina de Abba-Pai²⁵³.

Outro aspecto evidente é o momento em que a história da Igreja inicia: “no momento em que os discípulos e discípulas de Jesus recebem o Espírito Santo, em Pentecostes, e saem pelo mundo anunciando o que tinham experimentado.” Portanto, “a Igreja é o verdadeiro sujeito da fé.”²⁵⁴ Os que confessam a ela denominamos a comunidade do corpo de Cristo, estando, a fé, posta na Trindade²⁵⁵.

Segundo Bingemer e Feller, para construir a ideia da Trindade, trilhou-se três caminhos: “o primeiro caminho foi elaborado pelos padres gregos, entre eles Orígenes (+254), Atanásio (+373) e os capadóciós Basílio (+379), Gregório Nazianzeno (+390) e Gregório de Nissa (+394).”²⁵⁶ Eles utilizaram como fonte a Bíblia, “que nos mostra o Pai como o primeiro a ser revelado, ensinaram que Deus mesmo é o Pai. Entendida a Trindade a partir da Pessoa do Pai.”²⁵⁷ Assim, a primeira pessoa da Trindade é o Pai, “a fonte e origem de tudo, não somente do mundo e do ser humano, mas também fonte da divindade do Filho e do Espírito Santo.”²⁵⁸ Da forma como concebiam a teologia, “Deus é o Pai, tal como aparece na Escritura, o Javé libertador de Israel e Pai de Jesus Cristo.”²⁵⁹

Prosseguem Bingemer e Feller: “As outras duas pessoas participam da divindade do Pai, não do modo subordinado, como se fossem inferiores, mas com igual dignidade e majestade.”²⁶⁰ Desta forma, “o Filho participa da divindade do Pai, recebendo dele a vida, o ser e o envia ao mundo. Por isso, quando esteve entre nós, o Filho viveu sempre voltado para o Pai, obediente e disponível para realizar a vontade daquele que o enviou.”²⁶¹

²⁵³ BINGEMER, Maria C. Lucchetti; FELLER, Vitor Galdino. **Deus trindade:** a vida no coração do mundo. Valencia: Siquem Ediciones, 2002. p. 95.

²⁵⁴ BINGEMER; FELLER, 2002, p. 143.

²⁵⁵ BINGEMER; FELLER, 2002, p. 143.

²⁵⁶ BINGEMER; FELLER, 2002, p. 145.

²⁵⁷ BINGEMER; FELLER, 2002, p. 145.

²⁵⁸ BINGEMER; FELLER, 2002, p. 145.

²⁵⁹ BINGEMER; FELLER, 2002, p. 145.

²⁶⁰ BINGEMER; FELLER, 2002, p. 145.

²⁶¹ BINGEMER; FELLER, 2002, p. 145.

O segundo caminho foi arquitetado pelos Padres latinos e pelos teólogos da Idade Média. Seus autores mais importantes são Agostinho (+430) e Tomás de Aquino (+1274). Eles também entendiam que Bíblia nos proporciona um só Deus em três sujeitos distintos, insistiam na unidade de Deus, compreendiam a Trindade a partir da essência una e única de Deus.²⁶² “Essa essência única é a comunhão de Deus, que existe em três modos distintos de ser.”²⁶³ Analisando o descrito, “Deus é a mesma Trindade, tal como aparece na Escritura, Deus que é comunhão entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo.”²⁶⁴ Nesse sentido, “há três maneiras distintas de ser Deus, três maneiras diferentes de o mesmo Deus ser.”²⁶⁵ Desta forma, eles queriam “salvar a unidade de Deus, a comunhão, a igualdade dos três, tanto na eternidade, quanto nas ações histórico-salvíficas.”²⁶⁶

O terceiro caminho ainda está em fase de elaboração, neste estão os teólogos e teólogas da modernidade, com inspiração em Joaquim de Fiore (+1202). Alguns teólogos e teólogas compreendem que é necessário “falar de Deus de modo tal que o discurso teológico, devidamente baseado na Bíblia e nas fontes da fé, possa servir para colaborar com a criação de sociedades democráticas e pluralistas”²⁶⁷. Com isto, pretende-se que “as pessoas e também as culturas e religiões e Igreja sejam respeitadas, cada uma em sua diversidade e valor, e todas em vista do bem comum.”²⁶⁸

Neste terceiro caminho podemos contribuir para ampliar o significado da Trindade, que é um em três e três em um, para torná-la mais acessível e com menos prejuízos para a humanidade e para a Terra. A Trindade se contemplará a partir da sua unidade e essa unidade em relação com a humanidade e com a criação.

Isso oportuniza ressignificar conceitos que têm escravizado ao ser humano e dividido as pessoas. Algumas pessoas querem olhar imagens femininas mais amorosas e acolhedoras de Deus, enquanto outras pessoas fazem tudo para que se olhe somente imagens masculinas dominadoras, guerreiras e violentas de Deus. No entanto, sendo espírito, o Trino Deus não tem gênero e não se pode atribuir-lhe a Deus conceitos que definam o que Deus é em termos da nossa realidade, já que Deus e sua maior expressão do que é esta em Êx 3.14 [...] “Eu Sou aquele que é.”

²⁶² BINGEMER; FELLER, 2002, p. 146.

²⁶³ BINGEMER; FELLER, 2002, p. 146.

²⁶⁴ BINGEMER; FELLER, 2002, p. 146.

²⁶⁵ BINGEMER; FELLER, 2002, p. 146.

²⁶⁶ BINGEMER; FELLER, 2002, p. 146.

²⁶⁷ BINGEMER; FELLER, 2002, p. 147.

²⁶⁸ BINGEMER; FELLER, 2002, p. 147.

Essa escravização se dá pela “visão e pela prática machista, discriminatória e preconceituosa com relação às mulheres e ao feminino.”²⁶⁹ Na concepção patriarcal só o homem tem a força, o poder, a razão e a organização, enquanto as mulheres ficam relegadas aos afazeres domésticos e ao total domínio pelos homens²⁷⁰. Este terceiro caminho de construção da Trindade abre portas para uma linguagem inclusiva do feminino, do masculino e da diversidade²⁷¹. Possivelmente, Ivone Gebara nos diria que este terceiro caminho nos abre a “possibilidade de acolher um rosto feminino da divindade.”²⁷² Também se aplicaria desistematizar características de performance associadas aos sexos.

Parafraseando Ivone Gebara, a construção da doutrina da Trindade os levaria a pensar sobre a supervalorização do divino desde uma perspectiva patriarcal, impondo somente a face masculina de Deus. Isso tem provocado e gerado mecanismos de dominação no transcorrer da história que têm servido, sobretudo, para submeter as mulheres. Por isso, torna-se urgente ressignificar símbolos – e esta é uma tarefa feminista das teólogas e dos teólogos²⁷³.

4.2 AS TRINDADES ARQUITETADAS

Caminhamos pela doutrina da Trindade ou, como disse Santo Agostinho, “Doutrina da fé Católica.”²⁷⁴ Nessa caminhada, vimos a predominância na compreensão da divindade sob aspecto masculino e dessa derivação surgem outros símbolos imaginários de Trindades, que tem se arquitetado para dar alguma resposta às nossas dificuldades e necessidades. Ao falar das trindades arquitetadas, refere-se a abordagens diferente da doutrina da Trindade e é o que se apresenta a continuação.

Agostinho nos apresenta as duas dimensões do homem, a dimensão interior e a dimensão exterior, e a partir delas faz a colocação das Trindades, uma interna e a outra externa²⁷⁵. Quando Agostinho fala da trindade da dimensão interna se refere à mente, conhecimento e amor, à memória, à inteligência e à vontade, à trindade da fé, à trindade

²⁶⁹ BINGEMER; FELLER, 2002, p. 138.

²⁷⁰ BINGEMER; FELLER, 2002, p. 138.

²⁷¹ BINGEMER; FELLER, 2002, p. 138.

²⁷² GEBARA, Ivone. **O que é teologia feminista**. São Paulo: Brasiliense, 2007. p. 9.

²⁷³ GEBARA, 2007, p. 14.

²⁷⁴ AGOSTINHO, Santo. **A Trindade**. São Paulo: Paulus, 1995. p. 31.

²⁷⁵ AGOSTINHO, 1995, p. 330-352.

interior, recordação, conhecimento e amor, à trindade da sabedoria²⁷⁶. Agostinho faz a seguinte colocação referente a trindade, mente, conhecimento e amor:

Assim como são duas realidades: a mente e seu amor, quando a mente se ama a si mesma, também são duas: a mente e seu conhecimento, quando ela se conhece a si mesma. Portanto a mente, o seu amor e o seu conhecimento formam três realidades. Essas três coisas, porém, são uma única unidade. Enquanto perfeitas, são também iguais.²⁷⁷

Também Agostinho nos apresenta que a memória, a inteligência e a vontade não são três vidas, senão uma só vida, nem se podem compreender como três almas, mas sim uma só alma. E para compreender isso, temos que olhar o poder da memória, da inteligência e da vontade e, em especial, que adquirem cada uma pela memória²⁷⁸. Cada vez que nos referimos a uma dessas partes, usamos o singular, mas sempre são consideradas três, quando se mantém a sua relação recíproca. Isso nos faz compreender essa relação, já que elas são iguais quando cada uma está em relação com a outra e todas em cada uma. Por isso, existe igualdade em cada uma em sua totalidade e elas, por sua vez, formam uma só unidade e uma só vida²⁷⁹.

Agostinho nos fala que também existe uma trindade na visão e para isso, primeiro, existe o objeto, em segundo lugar, a vista e, em terceiro lugar, a atenção da alma que mantém alerta a vista. Não há diferença entre as três, mas existe uma diversidade de natureza entre elas²⁸⁰. A visão é o sentido pelo qual enxergamos e só se dá no que existe e se pode olhar²⁸¹.

Há, ainda, outra trilogia em Agostinho, memória, visão interior e vontade. Neste caso, a alma racional é contrária à sua natureza quando esta faz parte da trindade do ser humano exterior. Ela se ajusta com a informação do exterior por meio do sentido corporal, mas com uma vontade bem intencionada nos dirigirá a algo proveitoso. Ao que se recebe do exterior, sucede a memória, preservada da mesma forma como foi observada por meio do corporal²⁸². A memória, o pensamento e a vontade são ações internas e a sua existência se dá nos sentidos e no sensível. Neste caso, quem informa é a memória, a alma, e não o corpo, já que este objeto se aderiu à memória. Portanto, ela já existia, antes de pensar. O mesmo acontece com um objeto e esta é uma ação do pensar a recordação²⁸³.

²⁷⁶ AGOSTINHO, 1995, p. 290-476.

²⁷⁷ AGOSTINHO, 1995, p. 290.

²⁷⁸ AGOSTINHO, 1995, p. 331.

²⁷⁹ AGOSTINHO, 1995, p. 332-333.

²⁸⁰ AGOSTINHO, 1995, p. 337.

²⁸¹ AGOSTINHO, 1995, p. 337.

²⁸² AGOSTINHO, 1995, p. 343.

²⁸³ AGOSTINHO, 1995, p. 352.

A trindade da fé está composta pela recordação, visão e amor da fé. Neste sentido, a mente humana leva a crer naquelas coisas que não vê e lhe faz contemplar o que não existe, mas que chegará a hora onde se verá cara a cara. Por isso, teríamos que estar alegres, agradecidos e agradecidas por ter adquirido a visão mediante a fé.²⁸⁴ O papel do pensamento na trindade da alma, lembrando que a trindade dela é memória, inteligência e vontade, é aqui a função do pensamento, na alma e no conhecimento adquiridos. Estes estão na memória, pensa-se neles e estará no olhar da sua mente e os demais conhecimentos ficam lá até serem pensados²⁸⁵.

A recordação, o conhecimento e o amor são a trindade interna no ser humano, mas esta é a partir da alma, visto que sua existência é real, pois, por meio da mente, nunca se deixou de recordar de si mesma, de compreender-se e de amar-se. De outra forma, ela se pensa e se dobra sobre ela mesma e, desta forma, se produz a trindade mediante a qual se pode perceber o verbo. É por meio do pensamento que se realiza e é verbo enlaçado pela vontade e memória²⁸⁶. Agostinho continua explicando outras ações da alma e dos aspetos internos e externos, no entanto, vamos nos deter nestas colocações dele.

Ao colocar estas análises de Agostinho, procura-se mostrar que o ser humano apresenta a diversidade no meio da totalidade e que na memória dele está o sentimento do amor, falta atentar-se mais no que acontece ao redor, por meio da visão e o amor da fé. Este amor no leva a crer naquelas coisas que ainda não existem, mais que chegaram a existir pelo amor da fé, pelo qual acreditamos que se pode construir um mundo melhor donde a justiça de gênero se faça realidade e nesse mundo a Terra não será mais explorada.

Leonardo Boff nos apresenta “a criação como corpo da trindade.”²⁸⁷ Este modelo quer inserir a Trindade na criação e o faz através do cuidado, que é associado ao Pai, da libertação, que é associada ao Filho, e da inabitação, que é associada ao Espírito Santo. Essas associações ordenam a transfiguração do universo²⁸⁸. Por meio dessas ações de transformação e libertação, chega o universo ao Pai e, a partir daí, inicia-se a história da criação. Desta forma, a criação sempre estará unida a seu criador, ao mistério da vida e do amor na perfeita comunhão do Pai, do Filho e do Espírito Santo²⁸⁹. Seguindo essa ideia, da mesma forma que a Trindade cuida da criação e esta é unida a Trindade, deveria se dar com os seres humanos: cuidar da criação e estar unidos a criação por meio de todas as nossas ações diárias.

²⁸⁴ AGOSTINHO, 1995, p. 441.

²⁸⁵ AGOSTINHO, 1995, p. 448-449.

²⁸⁶ AGOSTINHO, 1995, p. 459.

²⁸⁷ BOFF, Leonardo. **A Trindade e a sociedade**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1987. p. 277.

²⁸⁸ BOFF, 1987, p. 277.

²⁸⁹ BOFF, 1987, p. 278.

Ivone Gebara também nos apresenta uma reconstrução dos significados da Trindade no Cosmo, da Trindade na Terra, da Trindade entre povos e culturas, da Trindade nas relações humanas e por último da Trindade em cada pessoa. Ela faz isso desde a perspectiva do ecofeminismo²⁹⁰. Ela trabalha sobre a questão da diversidade e da relação de interdependência.

Gebara, ao referir-se a Trindade no Cosmo, trata da estrutura trinitária, que é a estrutura única do Universo. Essa realidade constituiria todo o Cosmo, toda a organização da vida. Ao mesmo tempo, estaria marcada pela multiplicidade, sem perder a sua unidade, e pela diferença, sem perder a interdependência entre todas as coisas²⁹¹. Essa “diversidade e unidade existindo e se interpenetrando num mesmo e único movimento de contínua criatividade”²⁹² formam uma trindade independente do ser humano. Porém, só ele pode nomeá-la, percebê-la, maravilhar-se diante dela e se considerar parte dela, já que seu corpo é cósmico e dependente do cosmo²⁹³.

Ao referir-se a Trindade da Terra, Ivone Gebara a descreve da seguinte forma:

Terra trinitária num movimento de criatividade contínua, envolvendo processos de criação e destruição como expressões do mesmo processo vital. Basta que pensemos nas diferentes eras geológicas, no nascimento dos continentes, na transformação do mar em regiões de deserto, no florescimento de florestas, no surgimento de diferentes formas de vida vegetal e animal para captarmos esta imensa força criativa na qual estamos imersas(os) e da qual somos parte integrante.²⁹⁴

A Trindade entre povos e culturas refere-se ao complexo processo evolutivo da vida, já que ela cria os diferentes grupos humanos que estão neste mundo, mas também nos leva a contemplar a exuberante diversidade humana, representados pelas diferentes cores, que nos apresenta a multiplicidade e unidade²⁹⁵. Essa diversidade está na trindade, sem hierarquias. O que se tem em conta é a cidadania cósmica e terrícola, seres humanos do Cosmo e da Terra. Inegavelmente precisamos uns dos outros e uma das outras, temos uma existência comum que se fundamenta na interdependência entre nossas diferenças²⁹⁶.

A Trindade aparece nas relações entre o eu, tu, ele/ela. Isto leva Ivone Gebara a afirmar que sua solidão é multidão interior que é acompanhada pelo vozerio e a música de

²⁹⁰ GEBARA, Ivone. **Trindade, palavra sobre coisas velhas e novas**: uma perspectiva ecofeminista. São Paulo: Paulinas, 1994. p. 39-50.

²⁹¹ GEBARA, 1994, p. 42.

²⁹² GEBARA, 1994, p. 42.

²⁹³ GEBARA, 1994, p. 42.

²⁹⁴ GEBARA, 1994, p. 43.

²⁹⁵ GEBARA, 1994, p. 44.

²⁹⁶ GEBARA, 1994, p. 44.

muitos tons. Até a solidão torna-se uma metáfora da Trindade²⁹⁷. Nessas relações íntimas entre o eu e o tu, o mistério trinitário também está: o “eu/tu e o mistério, ou seja, o mistério de nossa presença ao mundo, ao Universo, a nós mesmos(as).”²⁹⁸

Há ainda a Trindade em cada pessoa, que leva à seguinte reflexão:

Podemos perceber que minha realidade pessoal é absolutamente interdependente de outras e do conjunto da Terra e do Cosmo. Eu sou eu, mas ao mesmo tempo milhares de vidas e circunstâncias que antes de mim prepararam e teceram minha existência pessoal. Eu sou eu e mil vidas antes de mim. Eu sou eu e meus antepassados/antepassadas com suas histórias, suas vozes e tradições a correr pelas minhas veias.²⁹⁹

Tudo isto significa que nossas realidades pessoais, a nossa interdependência, sempre vai ser relacional e dependente das outras e dos outros, por isso, nossa estrutura é trinitária, misteriosamente múltipla e ao mesmo tempo uma só. Esta realidade extraordinária é compartilhada por todos os povos, está presente em todos os processos da humanidade como seres: biológicos, religiosos, culturais. Isto nos situa em outra cosmovisão e em outra perspectiva antropológica e, a partir disso, cada um e cada uma se percebem como Terra³⁰⁰.

As contribuições relevantes das trindades arquitetadas estão relacionadas à diversidade, mas se mantêm a unidade no meio dela. Tudo pode-se ser observado a partir de uma estrutura trinitária: com uma interdependência relacional sem hierarquias. O ser humano precisa dessa criatividade para dar resposta a necessidades que enfrentamos na atualidade.

4.3 ECOTRIDADE³⁰¹

Depois de ter caminhado por essas metáforas de trindade, estamos a caminho da EcoTrindade entendida como ação de amor, de reconciliação e de cuidado. Antes de adentrar ao tema, colocamos a pergunta que se fez Elizabeth Johnson. “Qual é a maneira correta de se falar de Deus?”³⁰² Adaptamos para: qual é a forma correta de se falar do Trino Deus desde o ecofeminismo, para chegar a EcoTrindade a partir da relação na Trindade? Esta pergunta ainda tem vigência já que

²⁹⁷ GEBARA, 1994, p. 45.

²⁹⁸ GEBARA, 1994, p. 47.

²⁹⁹ GEBARA, 1994, p. 48.

³⁰⁰ GEBARA, 1994, p. 48-49.

³⁰¹ Há uma resignificação anterior à está que é chamada de “Metáfora Feminina Ciência e Paganismo: Uma Eco-Trindade Cósmica.” E é realizada por Glenys Livingstone, para optar a seu doutorado. Na Universidade de Western Sydney em 2002. Para ter mais informação pode acessar este link:

https://www.academia.edu/11457634/Female_Metaphor_Science_and_Paganism_a_Cosmic_Eco_Trinity

³⁰² JOHNSON, 1995, p. 18.

é uma questão de importância transcendental, pois as palavras que empreguemos para nos expressar sobre o mistério que cerca a vida humana e o próprio universo é uma atividade fundamental de uma comunidade de fé. Nessa maneira de falar, o símbolo de Deus funciona como símbolo principal de todo o sistema religioso, o ponto máximo de referência para a compreensão da experiência da vida do mundo. Por esta razão, a maneira como uma comunidade de fé formula a sua linguagem em relação a Deus representa de forma implícita o que ela considera como o bem supremo, a verdade mais profunda e a beleza mais encantadora.³⁰³

Segundo Elizabeth Johnson,

[...] esta maneira de se expressar modela de forma profunda a identidade incorporada à comunidade e orienta a sua práxis. Por exemplo, uma religião que falasse de um deus guerreiro e que exaltasse a forma como ele reduz os seus inimigos a frangalhos favoreceria um comportamento grupal agressivo. Uma comunidade que aclamasse Deus como um tirano arbitrário inspiraria os seus membros a atos de impaciência e desrespeito para com as criaturas. Por outro lado, uma linguagem em relação a um Deus benevolente e amoroso que perdoa as ofensas atrairia a atenção da comunidade de fiéis para o cuidado para com o próximo e para o perdão recíproco.³⁰⁴

Não se pretende afirmar que essa forma de apresentar a EcoTrindade é a forma correta de se falar de Deus, mas segue-se a ideia de Elizabeth Johnson exposta acima. Quando se apresenta a Deus, como um Deus de amor e reconciliador por meio do perdão, sem deixar de lado a justiça pelo dano cometido, dá-se o passo para o cuidado anelado pela humanidade e necessário para a Terra, a comunidade de fé tem sua práxis orientada por esses valores.

Neste capítulo, queremos propor uma metáfora a partir da relação e diversidade internas à Trindade com a perspectiva do ecofeminismo, que dê resposta às nossas necessidades. Apresentaremos as análises do feminino da Trindade realizadas por Elizabeth Johnson, Ivone Gebara, Leonardo Boff, Maria Clara Bingemer, Rose Marie Muraro e as associaremos ao amor, reconciliação e cuidado. Tal atitude nos levará da era do androcentrismo para a era de igualdade. O que se procura é que as metáforas, noções, dimensões e as construções sociais convivam em harmonia, equidade e sustentadas na justiça de gênero. Mulheres e homens trabalhando lado a lado para ressignificar o passado neste presente e afiançar as bases de um futuro promissor.

Segundo Elizabeth Johnson:

Na medida em que tanto a abordagem baseada nos “traços” como a baseada nas “dimensões” são inadequadas para estabelecer uma linguagem em relação a Deus, porquanto em ambas predomina um foco androcêntrico, uma terceira estratégia fala do divino em imagens tiradas da forma equivalente da experiência da mulher, do homem e do mundo da natureza. [...], Entretanto, a linguagem a respeito da personalidade de Deus nos envolve imediatamente em questões de sexo e de gênero, pois todas as pessoas que conhecemos ou são masculinas ou femininas. O mistério de Deus não é entendido de modo adequado nem como masculino nem como

³⁰³ JOHNSON, 1995. p. 18.

³⁰⁴ JOHNSON, 1995. p. 18.

feminino, mas transcende a ambos de forma inimaginável. Todavia, à medida em que Deus criou ambos sexos, cada um deles pode ser muito bem empregado como metáfora para indicar o mistério divino. [...] Esta “pista” para uma linguagem em relação a Deus na imagem do masculino e do feminino tem a vantagem de tornar claro, desde o começo, que a mulher goza da dignidade de ter sido feita à imagem de Deus e, por conseguinte, de ser capaz, como mulher, de representar Deus.³⁰⁵

Interessa-nos resgatar o que afirma Johnson: “a divindade feminina não é a expressão da dimensão feminina do divino, mas a expressão da plenitude do poder e da benevolência divina apresentada sob a imagem feminina.”³⁰⁶ A partir destas análises, apresenta-se as metáforas do feminino na Trindade.

Segundo Ivone Gebara, limitar a Trindade a uma mera representação masculina é uma redução, da mesma forma, se também limitamos apenas às expressões cristãs, negamos os milhares de anos de história humana e estaremos repetindo variações daquilo que já se falou. Ela ainda afirma que queremos abrir os códigos fechados da Trindade e ressignificar, atualizar e contextualizar isso para nossas necessidades atuais, já que a forma como nos apresentam a Trindade é muito hermética, fechada e predominante masculina.³⁰⁷

Para ela, o que fascina na Trindade é a conformação do três como indicador da pluralidade e símbolo da riqueza inesgotável possuidora de uma universalidade múltipla que caracteriza as nossas vidas. O número três indica que somos muitos e muitas e que a vida é diversificada, permite falar da capacidade criadora, de diversidade, de modificação e evolução³⁰⁸.

A partir da experiência das mulheres feministas e do esforço que têm empreendido para conceder-nos o legado do ecofeminismo, é que queremos abrir a brecha para ter a ousadia de escrever sobre uma EcoTrindade. Ivone Gebara nos diz que nos “antigos tratados da filosofia e da teologia, Deus sempre foi considerado um Ser puro espírito, ou seja, um ser imaterial e não sexuado.”³⁰⁹ Mas a apresentação de Deus na linguagem patriarcal, tem uma expressão masculina. Logo a salvação é realizada por um ser masculino³¹⁰.

Nesse sentido, a divindade que salva e habita os corpos de mulheres é masculina. Essa força simbólica deixa fora de sua representação as mulheres e a Terra. Deseja-se pensar essa tradição com uma ética ampla, abarcando todos os seres vivos, não apenas o masculino. Importa deixar o pensamento dualista e dicotômico e despertar uma relação de cuidado.

³⁰⁵ JOHNSON, 1995. p. 90.

³⁰⁶ JOHNSON, 1995. p. 92.

³⁰⁷ GEBARA, 1994, p. 17-18.

³⁰⁸ GEBARA, 1994, p. 21.

³⁰⁹ GEBARA, 2007, p. 27.

³¹⁰ GEBARA, 2007, p. 27.

Segundo Leonardo Boff, somos imagens de Deus e corre por nosso corpo o sopro do Espírito Santo que é a “*Ruah*” em hebraico, que é uma palavra feminina. Nesse sentido, o homem e a mulher têm o feminino por meio do sopro de Deus e assim “é permitido expressar Deus na riqueza das duas formas de comunhão e de coexistência, aquela masculina e a feminina. Assim, nossa experiência de Deus pode ser mais completa e integradora.”³¹¹

Leonardo Boff nos diz:

O Pai de Jesus somente é Pai se for também Mãe. Nele se encontram reunidos o vigor do amor paterno e a ternura do amor materno. Somente assumindo as duas figuras de Pai e Mãe eternos expressamos aquilo que na fé cremos: há um mistério último, aconchegador, fonte e princípio de tudo, que nos convida à comunhão, do qual tudo vem e para o qual tudo vai: o Pai e a Mãe celestes.³¹²

Amor e cuidado se expressam da seguinte forma em Mateus 23.37 e Lucas 13.34: “Quantas vezes quis reunir teus filhos como a galinha recolhe seus pintinhos debaixo das asas.” Quantos suspiros essa expressão traz quando vem ao imaginário, como gostaríamos de estar debaixo das asas de Deus que protegem com o amor e o cuidado. “Dizendo Pai e Mãe eternos queremos também expressar que o feminino e o masculino, que são imagem e semelhança de Deus consoante o Gênesis (1.27), encontram na Santíssima Trindade sua última raiz justificção.”³¹³

Maria Clara Bingemer afirma que “o próprio Jesus, lançando um olhar de pranto e dor sobre a Jerusalém assassina dos profetas, se compara a si próprio à mãe desvelada e extremosa que tentou repetidas vezes, sem sucesso, reunir os filhos de Israel como a galinha recolhe os seus pintinhos debaixo das asas.”³¹⁴ (Lc 13.34). Para Bingemer, “O Deus bíblico é um Deus que escolhe o rosto humano como lugar preferencial de sua revelação. Essa revelação não pode, portanto se dar somente em termos masculinos, já que a humanidade é composta por masculino e feminino.”³¹⁵ Ela afirma ainda que

Entre os termos veterotestamentários referidos diretamente a Deus, o termo *rahamim* é usado com constância para descrever a misericórdia, atributo por excelência de Javé, o Deus de Israel. Já pela própria raiz (*rehem* – seio materno, entranhas maternas), o termo *rahamim* remete a uma parte do corpo humano marcadamente feminina: o útero, o lugar onde a própria vida é recebida ainda em semente, acolhida, protegida e alimentada para que a pessoa posteriormente, crescer, desenvolver-se e sair a luz. *Rahamim* é utilizado, então, para designar o amor de

³¹¹ BOFF, 1987, p. 155. Veja também um dos primeiros escritos que falam do tema nos seus inícios e foi publicado pela primeira vez em 1978. BOFF, Leonardo. **O rosto materno de Deus: ensaio interdisciplinar sobre o feminino e suas formas religiosas**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1979.

³¹² BOFF, 1987, p. 211.

³¹³ BOFF, Leonardo. **A Santíssima Trindade é a melhor comunidade**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 121.

³¹⁴ BINGEMER, 1991, p. 39.

³¹⁵ BINGEMER, 1991, p. 38.

Deus em direta comparação com o amor de uma mãe, que se comove e experimenta compaixão pelo filho de suas entranhas.³¹⁶

Boff afirma que Jesus se apresenta como um modelo diferente de ser homem. “Não ficou insensível face ao drama do sofrimento e da morte dos outros. Enchia-se de profunda compaixão (comovia-se em suas entranhas) face ao povo abandonado (Mc 6,34).”³¹⁷ Para ele, essa dimensão dita socialmente como feminina faz parte da humanidade de Jesus. Embora Jesus fosse varão e não mulher, cuidado, amor e integração social formam parte dele e ele é igualmente divinizado.³¹⁸ Para o autor, em Jesus, encontra-se a integração perfeita do feminino e do masculino. As atividades de Jesus estavam focadas no cuidado a favor dos pobres, das mulheres, das crianças. Eles e elas seguiam a sua mensagem em primeiro lugar. Ele sempre mostrou inconformidade e se opôs às autoridades e pessoas que estigmatizavam os pobres, mulheres e crianças. Essas ações de amor, reconciliação e cuidado que tinha pelas pessoas o levou à morte.³¹⁹

Boff aponta para uma compressão moderna no sentido “de que cada um é animus e anima, simultaneamente, mas em proporção diferente, masculino e feminino nos elucidam o fato. Jesus é masculino e feminino: vive plenamente o masculino (pois era varão) como integrou perfeitamente a dimensão feminina. [...]”³²⁰

O autor também aponta que é no

quadro de antifeminismo que devemos situar a mensagem libertadora de Jesus. Em seu tempo a mulher era social e religiosamente discriminada, primeiro, por não ser circuncidada e, por isso, não pertencer propriamente à aliança com Deus, depois pelos rigorosos preceitos de purificação a que estava obrigada devido à sua condição biológica de mulher.³²¹

Ele afirma que, tratando-se do Espírito, primeiro devemos constatar que, em hebraico e siríaco, *Ruah* é uma palavra feminina e tem a ver com os processos ligados à vida e a proteção dela. O Espírito, *pneuma*, é apresentado de várias maneiras no Novo Testamento: como consolador, nos ensina a falar, como uma pomba, mãe misteriosa, porque por meio dele se renasce (João 3.3,5)³²². Na formação e acesso aos textos bíblicos, há um processo de masculinização do Espírito através das línguas usadas.

³¹⁶ BINGEMER, 1991, p 119.

³¹⁷ BOFF, 1987, p. 223-224.

³¹⁸ BOFF, 1987, p. 224.

³¹⁹ BOFF, 2000, p. 133.

³²⁰ BOFF, Leonardo. **O rosto materno de Deus**: ensaio interdisciplinar sobre o feminino e suas formas religiosas. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1979. p. 102.

³²¹ BOFF, 1979. p. 77.

³²² BOFF, 1987, p. 241.

Boff informa que Macário, grande teólogo cristão da Síria, deixou um escrito sobre o Espírito Santo: “O Espírito é a nossa Mãe porque o Paráclito, o consolador, está pronto a nos consolar como uma mãe consola o seu filho e porque os fiéis são renascidos dele e são assim os filhos desta Mãe misteriosa que é o Espírito Santo.”³²³ Ele aponta que o feminino “presente na mulher e no varão encontram no Espírito Santo uma de suas fontes eternas.”³²⁴

Com essas simbologias, metáforas e designações expostas pelas referências colocadas e os fundamentos bíblicos referente ao masculino e feminino da Trindade,

nos permite, portanto, afirmar que o mistério do Deus cristão, comunidade trinitária de amor, se revela também no feminino e que a mulher é tão plenamente sua imagem quanto o homem. Tanto o Pai, como o Filho e o Espírito Santo, operando no meio da história, fazem acontecer a revelação daquela comunidade-modelo, aquela comunidade-perfeita, que o NT definiu como amor e onde o masculino e o feminino encontram seu lugar e sua expressão e integração: a Santíssima Trindade.³²⁵

Segundo Rose Marie Muraro.

Estamos hoje verdadeiramente num ponto de mutação da humanidade em que o masculino e o feminino tomam um outro sentido, ganham uma outra dimensão, indo até o enfrentamento entre o poder que destrói e a vida que quer nascer. Não são mais dimensões apenas individuais, mas abrangedoras de toda a realidade humana.³²⁶

Na análise da patologia do feminino e masculino que faz Rose Marie Muraro:

O feminino não se esgota na mulher nem o masculino no homem. Ambos os gêneros são definidos no nosso inconsciente pela totalidade das características que os sistemas econômico e cultural lhes atribuem. Assim, falamos em homens efeminados e em mulheres masculinizadas. São homens e mulheres, porém não cabem dentro desses padrões que cada cultura lhes determina.³²⁷

Nesse sentido, ela continua

Mais e mais homens e mulheres são definidos não a partir de seu sexo biológico ou cultural, mas a partir do fato de serem pessoas livres, críticas, participativas e cidadãs. Entendemos aqui por pessoa todo indivíduo que possui a sua relativa autonomia, que se sente dono de si e que exercita a liberdade para plasmas a sua própria vida junto com outros no mundo. Ser pessoa é um estar em si e para si; mas simultaneamente é também um estar para os outros e com outros. Pessoa é um ser de relações, um nó de relações em todas as direções.³²⁸

³²³ BOFF, 2000, p. 147.

³²⁴ BOFF, 2000, p. 147.

³²⁵ BINGEMER, 1991, p 40.

³²⁶ MURARO; BOFF, 2002, p. 203.

³²⁷ MURARO; BOFF, 2002, p. 203

³²⁸ MURARO; BOFF, 2002, p. 277.

Como mencionado anteriormente, trabalharemos a EcoTrindade, que é composta por amor, reconciliação e cuidado, mas também isto tem relação com a “*Pericórese*”³²⁹ mediante a qual se explica a relação que existe na Trindade, mas também seu aspecto da união, que é inseparável, indivisível, entrelaçamento, reciprocidade, diversidade sem hierarquia, morar e estar no outro, comunhão e relacional de Deus, com o Filho, do Filho com Deus, de Deus com o Espírito Santo e o Espírito Santo com Deus e assem sucessivamente. Esse mesmo sentido queremos perceber a relação com a humanidade e a criação. O Trino Deus com a humanidade, a humanidade com o Trino Deus, Deus com a criação e a criação com Deus.

Queremos pensar metaforicamente que Deus é amor, Jesus é reconciliação e o Espírito Santo é o cuidado. Atrevemo-nos a formular também que esta metáfora da EcoTrindade é formada por o EcoDeus, EcoFilho e EcoEspírito Santo, em mútua ação pelo amor, pela reconciliação e o cuidado a humanidade e a Terra.

Segundo Gottfried Brakemeier, “Deus só pode ser conhecido mediante sua autorrevelação.”³³⁰ A partir de essa autorrevelação, pode-se afirmar de que Deus é amor, Jesus o reconciliador e o Espírito Santo o cuidador. Para apresentar essas metáforas, definições ou conceitos auxiliarmos-nos de Brakemeier.

Segundo o autor:

Quem define Deus é Jesus Cristo. E ele o define como amor (1 Jo 4.16). Deus é misericordioso, generoso, compassivo. É este o Deus que autuo na criação, na libertação de Israel do Egito, na aliança do monte Sinai. *Sempre que houve e há salvação neste mundo é o Deus-amor que se manifesta*. Este Deus tem “lei”; Ele condena toda injustiça e idolatria (Rm 1.18). E ele o deve fazer para o bem da sua criatura. Amor que nunca se irrita, que não repudia o mal, que não enfurece quando a injustiça se instala, tal amor se perverteu e descambou, se ainda existe, em sentimentalismo, tornou-se sinônimo de fraqueza. A ira de Deus seria mal interpretada como irrupção de um sentimento de raiva em Deus. É falsa a interpretação psicológica de um Deus “ofendido”. Que precisa ser “apaziguado” para voltar a ser benevolente. Não! A ira de Deus nada mais é do que a outra face de seu amor.³³¹

³²⁹ Para conhecer melhor o termo “Pericórese”, aconselha-se ler o arquivo de: SILVA, Maria Freire da. Sobre o termo Pericórese. **Revista de Cultura Teológica**, Vol./No. 4/14, p. 19-38, 1996. Também se pode encontrar no livro de BOFF, Leonardo. **A Trindade e a sociedade**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1987. Nas páginas 122-185. LORENZEN, Lynne Faber. **Introdução à trindade**. São Paulo: Paulus, 2002. p. 14. SINNER, Rudolf Eduard von. Leonardo Boff: um católico protestante. **Estudos Teológicos**, v. 46, n. 1, p. 162-167, 2006. BRAKEMEIER, Gottfried. **Tópicos dogmáticos: noções básicas da fé cristã**. Nova Petrópolis: s.n.], 2006. Há uma estreita interrelação entre a três pessoas da Trindade. Elas não se identificam nem se isolam uma da outra. Chama-se “Pericórese” à integração dinâmica entre elas. Deus é comunhão em si mesmo, sendo que comunhão é possível somente onde há diferença. O trino Deus exhibe, a um só tempo, unidade e diversidade, constituindo-se dessa maneira em paradigma também da comunhão humana. (BRAKEMEIER, 2006, p. 77-78.)

³³⁰ BRAKEMEIER, Gottfried. **Tópicos dogmáticos: noções básicas da fé cristã**. Nova Petrópolis: s.n.], 2006. p. 20.

³³¹ BRAKEMEIER, 2006, p. 20.

Segundo Brakemeier, “Não é fácil afirmar o Deus-amor num planeta cheio de brutalidade e crime; Amor é a exceção no cosmo, e misericórdia é milagre.”³³² O desamor prevalece na atualidade, portanto a EcoTrindade, olhada a partir do ecofeminismo, têm três objetivos fundamentais. O primeiro deles é o amor, um amor que se indigna com as injustiças de gênero e as injustiças realizadas todos os dias a Terra. O amor que se preocupa com o outro e a outra e faz todo o necessário para se solidarizar no meio da adversidade.

Quando nos referimos a Jesus como reconciliação, é porque tudo “[...] isto provém de Deus que nos reconciliou consigo mesmo por Jesus Cristo, e nos deu o mistério da reconciliação; isto é, Deus estava em Cristo reconciliado consigo o mundo, no lhes imputando os seus pecados; e pôs em nós a palavra reconciliação” (2Co 5.18s).³³³ Reconciliar-se consigo mesmo e com o próximo e a próxima são os primeiros passos para a salvação da vida e dos seres vivos do planeta.

Quando nos referimos ao Espírito Santo que cuida, é por que o Espírito Santo dá vida, nesse caso, Brakemeier coloca;

Portanto, onde está o Espírito do Senhor, ali não pode haver morte, e, sim somente vida. Esse Espírito é por excelência poder criador, “*spiritus creator*”. O Espírito de Deus me fez; e o sopro do Todo-Poderoso me dá vida” Assim confessa Jó, muito em conformidade com Gn 2.7.³³⁴

Para que a vida se preserve e continue em abundância, necessitamos praticar o cuidado. Ao longo dos capítulos tratamos do amor e do cuidado com o enfoque ecofeminista. Depois de ter definido o sentido da EcoTrindade acima, falaremos da reconciliação.

Como é de nosso conhecimento, sem perdão não há reconciliação. Temos que perdoar e temos que perdoar-nos, no sentido do autoperdão, e pedir perdão. O termo para pecado utilizado no grego é *hamartanein*, que significa perder o rumo o perder o objetivo destinado por Deus, mas também perder o nosso rumo ou afastar-nos de nossos objetivos³³⁵. Se é assim, temos que pedir perdão porque temos perdido o nosso rumo e nossos objetivos, que são a justiça, a equidade, solidariedade, sororidade, autoamor, amor, autocuidado, cuidar, autoperdão, perdoar e em especial fazer tudo isto à humanidade e à Terra com as características da ternura e compaixão, máxima expressão do amor.

Depois de ter um pouco de clareza do perdão, pode-se caminhar para a reconciliação. Este tema é “central na Teologia Paulina. Com a reconciliação, Paulo descreve

³³² BRAKEMEIER, 2006, p. 20.

³³³ BRAKEMEIER, 2006, p. 46. O autor trata ainda de reconciliação subjetiva e reconciliação objetiva, veja p. 47-49.

³³⁴ BRAKEMEIER, 2006, p. 52. O autor também discorre sobre outras ações do Espírito, veja p. 53-54.

³³⁵ GRÜN, Anselm. **Perdoa a ti mesmo**. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 11.

a ação de Deus sobre nós. Por meio de seu filho, Jesus Cristo, Deus restabeleceu a união que perdemos ao nos afastar dele.”³³⁶ É isto que apresentamos por meio da EcoTrindade: perdoar, reconciliar e cuidar a nós mesmos, a nossa próxima e nosso próximo, a Terra, e ter esse vínculo de união durável.

Esta união tem que transcender a nós, irrompendo o nosso interno e o externo. Isso exige uma união com a nossa Terra que tem vida e sustenta a vida, por isso, temos que amar, cuidar e nos reconciliar com a diversidade em todo seu esplendor, na natureza e na vida humana. Esta ação de amar, reconciliar e cuidar precisa ser feita com justiça, equidade e integralidade, considerando ecologia e gênero. Porque em uma humanidade amada, reconciliada e cuidada pode reinar a paz. Essa paz nos dá Jesus, portanto, que nossos corações não se perturbem nem se intimidem (João 14.27) pela luta empreendida.

O Conselho Mundial das Igrejas (CMI), na sua 11^a Assembleia realizada em Karlsruhe, Alemanha, tinha como lema “Um chamado para agir em conjunto. O Amor de Cristo nos impele” (2 Coríntios 5:14).³³⁷ No ponto cinco, o documento da assembleia nos diz:

"O amor de Cristo move o mundo para a reconciliação e a unidade." Este amor, em resposta aos gritos de quem sofre, impele-nos a dirigir-nos solidariamente a Ele e a responder e agir pela justiça. Somos chamados a ser reconciliados no amor de Deus e a dar testemunho desse amor revelado em Cristo (1 João 4:9-11).³³⁸

Também no ponto 6 nos apresenta a reconciliação:

A reconciliação é um movimento para Deus e para os outros. Implica uma disposição para ouvir a Deus e aos outros. É uma conversão do coração, do egoísmo e apatia à inclusão e serviço, reconhecendo nossa interdependência com a criação. Confessamos que mesmo quando desejamos de todo o coração servir a Deus e ao próximo, nos encontramos falhando, discordando e, às vezes, andando em direções opostas. Confessamos que precisamos do poder transformador do amor de Cristo para nos movermos em direção a um mundo verdadeiramente reconciliado e unido.³³⁹

³³⁶ GRÜN, 2005, p. 20.

³³⁷ CONSELHO MUNDIAL DAS IGREJAS na sua 11^a Assembleia realizada em Karlsruhe, Alemanha. Disponível em: <https://www.oikoumene.org/resources/documents/message-of-the-wcc-11th-assembly-a-call-to-act-together> . Acesso em: 14 nov. 2022.

³³⁸ CONSELHO MUNDIAL DAS IGREJAS, 2002. Original em espanhol: "El amor de Cristo mueve al mundo a la reconciliación y la unidad". "Este amor, en respuesta a los gritos de los que sufren, nos impulsa a acudir a Él en solidaridad y a responder y actuar por la justicia. Estamos llamados a reconciliarnos en el amor de Dios, y a dar testimonio de ese amor revelado en Cristo (1 Juan 4:9-11)."

³³⁹ CONSELHO MUNDIAL DAS IGREJAS, 2002 Original em espanhol: "La reconciliación es un movimiento hacia Dios y hacia los demás. Implica una disposición a escuchar a Dios y a los demás. Es una conversión del corazón, del egoísmo y la apatía a la inclusión y el servicio, reconociendo nuestra interdependencia con la creación. Confesamos que, incluso cuando deseamos con todo nuestro corazón servir a Dios y a nuestro prójimo, nos hemos encontrado fallando, en desacuerdo y, a veces, caminando en direcciones opuestas. Confesamos que necesitamos el poder transformador del amor de Cristo para avanzar hacia un mundo verdaderamente reconciliado y unido."

O tema utilizado pela Assembleia do CMI é pertinente para esta pesquisa, em especial para ser implementada na sociedade por meio da EcoTrindade. Com a EcoTrindade, queremos resgatar a humanidade e a criação do Trino Deus, sem o intento de implementar uma nova dominação, senão o de trazer o que temos perdido no transcorrer da história: amor mútuo, a anelada reconciliação por meio do perdão e o cuidado terno.

Isto implica mudanças na religião, pois, esta visão do amor, reconciliação e cuidado

[...] é convite de retorno à nossa humanidade esquecida, à gratuidade do inesperado, ao gesto que faz renascer a esperança, ao abraço aconchegante que devolve a confiança na vida, à beleza dos lírios do campo e do pôr-do-sol, à partilha do pão e da terra, à vibração do corpo ao contato com outros corpos.³⁴⁰

E este mesmo convite se faz para toda a humanidade: transcender paradigmas de gênero de forma “coletiva e pessoal para recuperarmos nossas crenças mais profundas, os valores dos quais não abrimos mão, pois sustentam o sentido de nossa existência e são fundamento do diálogo entre diferentes povos e culturas.”³⁴¹ Entendemos que esses valores são o amor, a reconciliação e o cuidado, que estão intrínsecos na EcoTrindade e resgatam o amor do Trino Deus pela humanidade e a criação.

Ao resgatar a nossa humanidade, precisa-se tratar de cooperação e solidariedade, já que, segundo Rose Marie Muraro:

A sua ausência instaurou a dominação do masculino sobre o feminino e a subordinação histórica das mulheres. Hoje, é pela cooperação de ambos, numa ética da solidariedade e do cuidado mútuos, que se construirão relações inclusivas e igualitárias. Essa mutualidade entre os sexos só será possível à medida que exorcizemos o masculino e superemos o patriarcalismo, as principais fontes de desigualdade, de injustiça e de opressão histórico-social. Esta luta está tornando possível, pela primeira vez e de forma coletiva, que os seres humanos possam efetivamente tornar-se livres.³⁴²

Ainda assim, seguimos o pensamento de Elizabeth Johnson,

A realidade de Deus é um mistério que se situa além e acima de toda imaginação. Tão transcendental e tão imanente é o sagrado mistério de Deus, que nós nunca conseguimos envolver por completo nossa mente em torno deste mesmo mistério e exaurir a realidade divina em palavras e conceitos.³⁴³

O Trino Deus e a relação com a criação estão além de nossas capacidades e intelectualidades e, por mais que se queira dar a conhecer o que pensamos e cremos sobre o

³⁴⁰ GEBARA, 2007, p. 59.

³⁴¹ GEBARA, 1994, p. 41.

³⁴² MURARO; BOFF, 2002, p. 277.

³⁴³ JOHNSON, 1995. p. 23.

que é Deus e os seres humanos, mais nos afastamos de sua pureza e grandeza e das realidades nas quais vivem e simbolizamos. A EcoTrindade não quer impor ou nominar a biologia de Deus ou encaixar a Deus num rol construído socialmente e imposto. A EcoTrindade nos encoraja a ver que nosso amado Deus é amor, que Jesus é reconciliação e o Espírito Santo é cuidado, porque são três que amam, três que reconciliam e três que cuidam a partir de sua ação divina. O ser humano ama, reconcilia-se e cuida. Essa ação não se pode atribuir ou condicionar pelo biológico, ou pelos papéis de gênero estabelecido. Já que é uma ação divina e humana dada pelo sopro de vida do nosso criador. Essa ação se dá na relação que tem o Trino Deus, consigo mesmo, com a humanidade e a sua criação que é nosso habitat.

5 CONCLUSÃO

Ao iniciar este trabalho propusemos uma pergunta problema: Como superar as injustiças ambientais e de gênero mediante uma releitura inspirada na relação que compõe a Trindade? A pergunta nos levou a analisar o sentido de justiça, justiça de gênero e ecofeminismo, também pensar o que significa construir uma imagem de Deus. Isto leva-nos a pensar se as pessoas têm uma real preocupação com o que está acontecendo com a humanidade e se entendem que seu entorno, que dá vida e sustenta a vida, está em perigo; são conscientes da urgência de ressignificar conceitos para modificar os comportamentos da humanidade com paradigmas renovados e oxigenados.

Cada conceito nos chama a mudar os nossos comportamentos e ações. A justiça está amparada nos códigos, leis e normas construídos em sociedade e, se nossas ações são diferentes ao que está estabelecido, estaremos sendo injustos. Por meio da justiça de gênero, procurou-se perceber a necessidade de estabelecer uma relação de iguais e impedir a continuação da construção desigual de gênero, pois uma construção reduzida ao binário biológico não dá conta da diversidade atual. Há aspectos da vida e sociedade que precisam ser retomados imediatamente como a justiça, a equidade, a integralidade. Negligencia-los implica em injustiças causadas às mulheres e grupos de outras identidades de gênero e preferências sexuais.

O ecofeminismo nos leva a olhar o mundo desde outras realidades, aquelas que têm sofrido todo tipo de discriminação, marginalização e estigmatização. Também percebemos algumas causas da dominação e exploração dos seres humanos, em particular das mulheres, e da Terra. Há um padrão de dominação que se mantém estabelecido pelos paradigmas do quiariarcado e antropocentrismo e a figura que predomina como medida de tudo é o homem. Por meio desta figura estabelecida, invisibiliza-se as mulheres e forma-se a base da dominação e maus-tratos e da destruição do planeta.

Uma de nossas perguntas era: a Terra é um ser vivo? É um ser vivo e sustenta a vida e se autorregula. Também nos perguntávamos: o ser humano é responsável pela destruição da Terra? Lamentavelmente, sim, a Terra se auto regulava e regenerava de uma melhor forma até que chegamos. Os humanos são uma fábrica de lixo, descartamos e quase nada reciclamos, gerando muitos problemas ao planeta.

Nesta pesquisa, deparamo-nos com o fato de a sociedade não é equitativa na distribuição das riquezas, por isso, é importante o cuidado integral do ser humano e do

planeta. Percebemos a importância de que a humanidade se dê conta que os recursos naturais são finitos e devem servir a toda a humanidade. Portanto, é necessário haver uma distribuição equitativa deles, responsabilidade no cuidado com eles e a massificação da restauração da Terra. A sustentabilidade é uma atitude que pode reparar ou diminuir o dano ao meio ambiente. Ela pode se dar em todas as áreas de nossa vida, já que seu enfoque primordial é sustentar com habilidades e novos conhecimentos a vida e tudo aquilo que a sustenta. Isso possibilitaria que a destruição seja evitável.

Outra pergunta era verificar a possibilidade de pensar a Trindade a partir da igualdade de gênero. Demo-nos conta que cada uma das pessoas compreendidas na Trindade tem atributos que são socialmente entendidos como masculinos e femininos nos levando a um exemplo diferente de papéis de gênero e relações de gênero.

Ao olhar a Trindade, percebemos que nela existe unidade e diversidade, há uma interdependência e uma relação mútua sem hierarquia. Essa relação chega à humanidade e à criação por meio do amor, reconciliação e cuidado. Isto levar-nos-ia a atuar da mesma maneira com a próxima e o próximo e a Terra. É mediante o cuidado integral do ser humano que adquirimos a força para buscar a paz nesta sociedade conflitiva em todos os seus espaços. Sem cuidado, não seria possível resgatar a dignidade da humanidade condenada à marginalização e exclusão, não se poderia inaugurar um novo paradigma de convivência e proteção total.

O objetivo geral dessa pesquisa era investigar causas que impedem a justiça de gênero e o cuidado da Terra, para arquitetar, a partir de uma releitura da Trindade, uma metáfora da EcoTrindade. Isso nos proporcionou elementos fundamentais, como o amor, perdão, reconciliação, união, cuidado, ternura, graças a possibilidade de relacionar-nos, conectar-nos. Tudo isto teria que se realizar na humanidade, mas também a nossa Terra. Isto passa pelo autoperdão, perdoar e pedir perdão, pois, desta forma, vem a reconciliação.

Estamos vivendo momentos limites, é preciso assumir a responsabilidade perante o desastre ecológico realizado na natureza e sua biodiversidade. A pesquisa realizada nos dá elementos fundamentais refletir e agir para a regressão do dano já causado. O ecofeminismo, que é um aporte inestimável de parte das mulheres feministas, é um caminho. A noção de interdependência ecofeminista nos leva ao autocuidado, ao cuidado por meio do amor e com uma visão de preservação e restauração da Terra, que tem sofrido tanto quanto as mulheres.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo. **A Trindade**. São Paulo: Paulus, 1995.

ALVES, Ana Carolina Chizzolini. **Ecofeminismo e modernidade**: uma análise da espiritualidade ecológica do grupo Conspirando em Santiago do Chile. São Bernardo do Campo: [s.l.], 2006.

ALBERIGO, Giuseppe. **História dos concílios ecumênicos**. São Paulo: Paulus, 1995.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. São Paulo: Atlas, 2009. Livro V.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. 2 v.

BELLITTO, Christopher M. **História dos 21 concílios da Igreja**: de Niceia ao Vaticano II. São Paulo: Loyola, 2010.

BERRY, Thomas. **O sonho da terra**. Petrópolis: Vozes, 1991.

BERTA CÁCERES LÍDER indígena hondurenha, feminista y activista defensora del medio ambiente. Comisión Nacional de los Derechos Humanos, México, ©2018-2022. Disponível em: <https://www.cndh.org.mx/noticia/berta-caceres-lider-indigena-hondurena-feminista-y-activista-defensora-del-medio-ambiente>. Acesso em: 11 ago. 2022.

BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. GORGULHO, Gilberto da Silva; STORNILOLO, Ivo; ANDERSON, Ana Flora (coord.). ed. rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2002.

BINGEMER, Maria C. Lucchetti; FELLER, Vitor Galdino. **Deus trindade**: a vida no coração do mundo. Valencia: Siquem Ediciones, 2002.

BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. **O segredo feminino do mistério**: ensaios de teologia na ótica da mulher. Petrópolis: Vozes, 1991.

BLASI, Marcia. Vulnerabilidade. In: BLASI, Marcia *et al* (org.). **Vulnerabilidade, Resistência, Justiça**: VI Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião. São Leopoldo: CEBI, 2020. p. 19-23.

BOFF, Leonardo. **A Trindade e a sociedade**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

BOFF, Leonardo. **Princípio Terra**: a volta à Terra como pátria comum. São Paulo: Ática, 1995.

BOFF, Leonardo. **A Santíssima Trindade é a melhor comunidade**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar**: ética do humano – compaixão pela terra. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

BOFF, Leonardo. **Sustentabilidade**: o que é - o que não é. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

BOFF, Leonardo. **O rosto materno de Deus**: ensaio interdisciplinar sobre o feminino e suas formas religiosas. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1979.

BRAKEMEIER, Gottfried. **Tópicos dogmáticos**: noções básicas da fé cristã. Nova Petrópolis: s.l., 2006.

BUENO, Chris. Chegada do homem à Lua comemora 40 anos com nova missão. **Cienc. Cult.**, São Paulo, v. 61, n. 3, p. 19-20, 2009.

CONSELHO Mundial das Igrejas na sua 11ª Assembleia realizada em Karlsruhe, Alemanha. Disponível em: <https://www.oikoumene.org/resources/documents/message-of-the-wcc-11th-assembly-a-call-to-act-together> Acesso em: 14 nov. 2022.

CORDEIRO, Alves Ana Luisa. Leitura Popular Da Bíblia Na Perspectiva Da Diversidade. *In*: MUSSKOPF, André S.; BLASI, Marcia (org.). **História, Saúde e Direitos**: sabores e saberes do IV Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião. São Leopoldo: CEBI, 2016. p. 83-90.

CORTEZ, Fe. **Homo Integralis**: uma nova história possível para a humanidade. São Paulo: LeYa Brasil, 2021.

DEIFELT, Wanda. Teologia Feminista: Uma História Construída em Mutirão. *In*: MUSSKOPF, André S.; BLASI, Marcia (org.). **História, Saúde e Direitos**: sabores e saberes do IV Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião. São Leopoldo: CEBI, 2016. p. 17-26.

EINSTEIN, Albert. **Como vejo o mundo**. 9. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

GEBARA, Ivone. **Conhece-te a ti mesma**: uma leitura feminista do humano. São Paulo: Paulinas, 1991.

GEBARA, Ivone. **Trindade, palavra sobre coisas velhas e novas**: uma perspectiva ecofeminista. São Paulo: Paulinas, 1994.

GEBARA, Ivone. **Teologia ecofeminista**: ensaio para repensar o conhecimento e a religião. São Paulo: Olho d'Água, 1997.

GEBARA, Ivone. **O que é teologia feminista**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

GRÜN, Anselm. **Perdoa a ti mesmo**. Petrópolis: Vozes, 2005.

HANNAN, Shuana K. Justiça De Gênero e a pregação da Igreja. *In*: MUSSKOPF, André S.; BLASI, Marcia (org.). **História, Saúde e Direitos**: sabores e saberes do IV Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião. São Leopoldo: CEBI, 2016. p. 141-144.

INFORME DA ONU-Mulheres. Disponível em: <https://interactive.unwomen.org/multimedia/explainer/covid19/es/index.html?gclid=CjwKCA>

jw8JKbBhBYEiwAs3sxN87cT88J3QgMPCHnO9GMB50G_VIY9i8-rtJVIIicQnDpIoNY2bc9bBoCQnoQAvD_BwE. Acesso em: 04 nov. 2022.

INFORME da Organização das Nações Unidas. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/176755-relatorio-climatico-da-onu-estamos-caminho-do-desastre-alerta-guterres>. Acesso em: 11 ago. 2022.

INFORME Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. Disponível em: <https://www.undp.org/es/honduras/noticias/analisis-de-violencia-contra-las-mujeres-lo-largo-del-ciclo-de-vida-en-honduras-2021#:~:text=A%20medida%20la%20edad%20incrementa,violencia%20dom%C3%A9stica%20y%20maltrato%20familiar>. Acesso em: 06 nov. 2022.

JOHNSON, Elizabeth A. **O Deus vivo em perspectiva cósmica**. São Leopoldo: Instituto Humanitas Unisinos, 2010.

JOHNSON, Elizabeth A. **Aquela que é: o mistério de Deus no trabalho teológico feminino**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

KIERKEGAARD, Søren. **As obras do amor: algumas considerações cristãs em forma de discursos**. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2005.

LIVINGSTONE, Glenys. **Metáfora Feminina Ciência e Paganismo: Uma Eco-Trindade Cósmica**. 2002.

LORENZEN, Lynne Faber. **Introdução à trindade**. São Paulo: Paulus, 2002.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.

LOVELOCK, James. **A vingança de gaia**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2006.

LUTERO, Martim. Sermão sobre as duas Espécies da Justiça. **Obras selecionadas**, vol.1 São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia; Canoas: ULBRA, 1987. 1 v.

LUTZENBERGER, José. **Gaia: o planeta vivo**. Porto Alegre: L&PM, 1990.

MOLTMANN, Jürgen. **Deus na criação: doutrina ecológica da criação**. Petrópolis: Vozes, 1993.

MUSSKOPF, André S. Políticas de justiça de gênero. *In*: SOUZA, Sandra Duarte de, Santos, Naira Pinheiro dos (orgs). **Estudos feministas e religião: tendências e debates**. 1.ed. Curitiba: Editora Prismas, São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, Vol. 2 2015. p. 129-145.

MUSSKOPF, André S. **Uma brecha no armário: propostas para uma teologia gay**. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 2002.

MURARO, Rose Marie; BOFF, Leonardo. **Feminino e masculino: uma nova consciência para o encontro das diferenças**. Rio de Janeiro, RJ: Sextante, 2002.

OLIVEIRA, Roseli M. Kühnrich de; NOÉ, Sidnei Vilmar. Cuidando de cuidadores: Um olhar sobre profissionais de ajuda a partir do conceito de cuidado integral. *In*: NOÉ, Sidnei Vilmar (org.). **Espiritualidade e Saúde**: Da cura d'almas ao cuidado integral. São Leopoldo: Sinodal, 2004. p. 79-98.

ORTIZ, Oscar. **Vozdaamerica.com**. Disponível em:
<https://www.vozdeamerica.com/a/ambientalistas-honduras-sienten-amenazados/6767706.html>
Acesso em: 5 nov. 2022.

PEREIRA, Nancy Cardoso. Da agropornografia à agroecologia: Uma aproximação queer contra as elites vegetais... Em comunicação com o solo. *In*: MUSSKOPF, André S.; BLASI, Marcia (org.). **História, Saúde e Direitos**: sabores e saberes do IV Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião. São Leopoldo: CEBI, 2016. p. 35-43.

PEREIRA, Nancy Cardoso. **Palavras...se feitas de carne**: leitura feminista e crítica dos fundamentalismos. São Paulo, SP: Católicas pelo Direito de Decidir, 2003.

PORTAL EFE:Verde. Disponível em:
[https://efeverde.com/honduras/#:~:text=M%C3%A1s%20de%2098.000%20hect%C3%A1reas%20afectadas,de%20Conservaci%C3%B3n%20Forestal%20\(ICF\)](https://efeverde.com/honduras/#:~:text=M%C3%A1s%20de%2098.000%20hect%C3%A1reas%20afectadas,de%20Conservaci%C3%B3n%20Forestal%20(ICF)). Acesso em 06 nov. 2022.

RAWLS, John. **Uma teoria da justiça**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002. 27 v.

REIMER, Ivoni Richter. **Terra e água na espiritualidade do movimento de Jesus**: contribuições para um mundo globalizado. São Leopoldo, RS: Oikos, Goiânia: PUC Goiás, 2010.

RUETHER, Rosemary Radford. Ecofeminismo: mulheres do Primeiro e do Terceiro Mundo. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 36, n. 2, p. 129-139, 1996.

SARLET, Erica Dorotéa. **Ainda hoje plantaria minha macieira...**: 160 anos Escola Pindorama. São Leopoldo: Sinodal, 1993.

SCHÜSSLER FIORENZA, Elisabeth. **Caminhos da sabedoria**: uma introdução à interpretação bíblica feminista. São Bernardo do Campo, SP: Nhanduti Editora, 2009.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995. Disponível em:
<https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721/40667>. Acesso em: 22 ago. 2022.

SCOTT, Joan. **A cidadã paradoxal**: as feministas francesas e os direitos do homem. Florianópolis: Mulheres, 2002.

SILVA, Maria Freire da. Sobre o termo Pericórese. **Revista de Cultura Teológica**, Vol./No. 4/14, p. 19-38, 1996.

SINNER, Rudolf Eduard von. Leonardo Boff: um católico protestante. **Estudos Teológicos**, v. 46, n. 1, p. 162-167, 2006.

SOUZA, Mauro Batista de. Prédica e Justiça De Gênero: Possibilidades. *In*: MUSSKOPF, André S.; BLASI, Marcia (org.). **História, Saúde e Direitos**: sabores e saberes do IV Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião. São Leopoldo: CEBI, 2016. p. 145-148.

TILLICH, Paul. **Amor, poder e justiça**: análises ontológicas e aplicações éticas. São Paulo: Novo Século, 2004.

UN INFORME REVELA que el asesinato de Berta Cáceres no fue un hecho aislado ;Súmate a la petición de justicia! **Movimiento Mundial por los Bosques Tropicales**, Honduras, 8 nov. 2017. Disponível em: <https://www.wrm.org.uy/es/alertas-de-accion/un-informe-revela-que-el-asesinato-de-berta-caceres-no-fue-un-hecho-aislado-sumate-a-la-peticion-de>. Acesso em: 11 ago. 2022.